

# DESCOLADAS

Revista de Direitos Humanos | Inesc | Brasília DF | Ano 6 | 2016 - Nº 6

#Entrevista  
Adolescentes cigan@s:  
"Sei quem sou, conheço  
minhas origens"

#Ensinar a pensar:  
um crime no Brasil?

#Somos todos  
coxinhas ou petralhas?

#Novas sensibilidades  
na educação de gênero

Distribuição gratuita

**eca**  
26 ANOS



# SUMÁRIO

**06 DIREITOS EM MOVIMENTO**  
DIREITO DE BRINCAR

**08 GIRO PELAS OCUPAÇÕES**

**10 FALO MEERRRRMO!!**

**12 LINK COM O CONGRESSO**  
ENSINAR A PENSAR PODE SE  
TORNAR UM CRIME NO BRASIL

**14 CAVANDO**  
PLANO DECENAL:  
QUE TREM É ESSE?

**18 PONTO DE ENCONTRO**  
NÃO DEIXE DE IR AO CONIC!

**20 ACABEI O ENSINO  
MÉDIO, E AGORA?**  
DESAFIOS DA UNIVERSIDADE  
PARA JOVENS DAS PERIFERIAS

**22 SEM PALAVRAS**

**28 EDUCAÇÃO**  
COMO CHEGAR AO ENSINO  
MÉDIO SE NÃO HÁ VAGAS  
PARA TOD@S?

**32 FALANDO DE POLÍTICA**  
UMA SOCIEDADE POLARIZADA:  
COXINHAS OU PETRALHAS?

**34 ENTREVISTA**  
ADOLESCENTES CIGAN@S

**44 PÉROLAS**  
PRA NUNCA MAIS DIZER!!!

**46 MUITO PRAZER**  
DEU MATCH!!!

**48 PROSA E POESIA**

**50 MEIO AMBIENTE**  
É NECESSÁRIO PEDIR LICENÇA

**52 MUDE DE CANAL**  
MONOPÓLIO DA MÍDIA  
E DO PENSAMENTO

**54 DIREITOS VIOLADOS,  
DIREITOS CONQUISTADOS**  
A LUTA DO BRASIL  
CONTRA A FOME

**56 INTERNACIONAL**  
CRIANÇAS E ADOLESCENTES  
REFUGIAD@S

**58 OUTRO OLHAR**  
COMO VOCÊ ME IMAGINA?

**60 HISTÓRIAS DA FAVELA**  
NOSSAS VIDAS,  
NOSSOS DIREITOS

**62 ALMA DA CIDADE**  
INSPIRA BRASÍLIA!

**64 DICAS CULTURAIS**

**66 CONVIDADO**  
RELIGIÃO OU TRADIÇÃO AFRICANA?

**68 FOTONOVELA**  
SHORT CURTO

**70 ESTILO**  
TROCA DE ROUPAS

**72 SUTIÃ**  
EDUCAÇÃO DE GÊNERO:  
CONSTRUÇÃO DE NOVAS  
SENSIBILIDADES

**74 ORÇAMENTO E DIREITOS**



# DIREITO DE BRINCAR

Lucídio Fernandes da Silva Filho (15 anos),  
Eduardo Alves Sousa (14 anos),  
Flávio Ferreira de Carvalho (13 anos),  
Guilherme Ferreira de Carvalho (15 anos) e  
Carlos Pereira Barros (15 anos)

O direito de brincar é essencial na vida de toda criança. As crianças e as/os adolescentes não devem ter responsabilidades de adultos: cuidar de casa, cozinhar, lavar roupas, cuidar dos irmãos, deixar de ir para a escola por tarefas de casa.

As crianças também têm responsabilidades, como focar nos estudos e auxiliar em casa, mas essas tarefas não podem afetar o seu direito de brincar e de viver a sua infância.

A infância e as brincadeiras que fazemos nela vão ficar em nossas memórias depois. Temos que passar

por essas experiências para compartilhar com as novas gerações, para que elas possam aprender conosco. Por exemplo, se você tiver uma filha ou um filho e ela/e perguntar: "Como foi a sua infância? Do que você brincava?", como você responderia se tivesse trabalhado a infância inteira?

O trabalho infantil é o principal problema da vida de muitas crianças e prejudica o direito de brincar.

Seja por dificuldades financeiras, separação familiar, perda da mãe ou do pai, falta de creche para crianças pequenas, que acabam ficando sob a responsa-

Ilustração: Criada pelos autores



bilidade dos irmãos maiores, ou por doença da mãe, do pai ou do responsável, nada justifica que crianças deixem de brincar para trabalhar.

É necessário que outros direitos sejam garantidos, para que a falta deles não acabe levando ao trabalho infantil. É preciso haver creches públicas, empregos para as mães e os pais e postos de saúde para dar atendimento digno a quem adoecer.

Também é necessário haver estrutura na cidade para garantir que todos, com suas diferenças, possam ter acesso aos diferentes espaços.

Por exemplo, no caso do nosso colega Lucídio, seu direito de brincar foi prejudicado no período em que ele usava cadeira de rodas, pela falta de acessibilidade na cidade. Os buracos nas ruas do bairro, a falta de rampas e de ônibus acessíveis a cadeirantes o impediram de sair, conviver e aproveitar uma parte da infância, o que não teria ocorrido se a cidade fosse bem estruturada.

O mesmo vale para a questão das praças, das quadras de esportes e dos bosques: precisamos de espaços públicos e coletivos para garantir o direito à brincadeira e à diversão, porque sem espaço não temos como aproveitar os momentos de lazer.

O direito de brincar é tão importante quanto qualquer outro direito, e precisamos dele para que possamos desenvolver e melhorar a nossa criatividade e nossa capacidade de relacionamento com outras pessoas. Todos (crianças, adolescentes e adultos) têm o direito de brincar.

*"No Edith tem várias brincadeiras,  
Uma melhor que a outra, pode ter certeza.  
Pique-bandeirinha e pique-esconde são uma beleza.  
Mas ficar sem brincar é uma tristeza.  
Três cortes, queimada e futebol precisam de bola.  
Bolinha de gude ou biloca lá também se joga.  
A poeira está de lascar,  
Precisamos de asfalto para a gente andar.  
Precisamos de praças e quadras para nos divertir.  
Se tivermos estrutura, garantimos o futuro  
que vem por aí.  
Muitas crianças não podem brincar,  
Porque têm o dever de trabalhar.  
Se as leis forem cumpridas,  
Nossa vida será mais colorida".*

## O QUE DIZ A CONSTITUIÇÃO FEDERAL?

**Art. 227.** É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

## O QUE DIZ O ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE?

**Art. 4º** É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

**Art. 16.** O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

[...] IV - brincar, praticar esportes e divertir-se;

**Art. 59.** Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude.

**Art. 71.** A criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

## O QUE DIZ A CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA?

### Artigo 31

1. Os Estados Partes reconhecem o direito da criança ao descanso e ao lazer, ao divertimento e às atividades recreativas próprias da idade, bem como à livre participação na vida cultural e artística.

2. Os Estados Partes respeitarão e promoverão o direito da criança de participar plenamente da vida cultural e artística e encorajarão a criação de oportunidades adequadas, em condições de igualdade, para que participem da vida cultural, artística, recreativa e de lazer.

## GIRO PELAS OCUPAÇÕES

Breno Lobo, 19 anos

Desde 2015, uma nova forma de luta começou a ser utilizada pelo movimento estudantil das escolas no nosso país: a ocupação daquilo que era por direito dos estudantes, a escola, que vem sofrendo grandes riscos de ter sua qualidade piorada. Em São Paulo, o primeiro estado a fazer as ocupações, as lutas começaram após o governador tentar fechar escolas com a justificativa de economizar recursos. A reação do movimento foi muito forte, com a mobilização de mais de 200 escolas ocupadas, e conseguiu reverter a intenção do governo.

A Primavera Estudantil logo se espalhou pelo país, levando massivas ocupações para os estados de Goiás, Ceará, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul. O que antes era focado em pautas locais começou a ganhar proporção e alcance maior. Após a primeira fase de ocupação, uma nova primavera desabrochou, unificando nacionalmente os estudantes em ocupações em mais de 1.000 escolas para derrotar a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241, que congela os investimentos na educação e na saúde por 20 anos; a Medida Provisória (MP) 746, que pretende reformar o Ensino Médio sem consultar quem nele está; e as propostas vinculadas ao “Escola Sem Partido”, mais conhecido como Lei da Mordça.

“As ocupações de São Paulo reacenderam um método importante de luta utilizado no Chile. Ao se organizarem contra o fechamento de suas escolas, os estudantes demonstraram o poder e a força que tem o povo contra os poderosos. Foram centenas de ocupações e piquetes de vias, entrando em contato com os trabalhadores e contagiando bairros e cidades. Lutamos por nossas escolas e por outro modelo de educação. Lutamos para ter acesso ao ensino e para permanecer nele. Nossas ações abriram a grande primavera que hoje ocupa todo o país em defesa da educação pública”.

**Ícaro Andrade,**  
**Escola Técnica Estadual (Etec)**  
**Guaracy Silveira,**  
**São Paulo (SP)**

“O movimento secundarista em Goiás se revigorou após 20 anos. Depois de muita luta e resistência num estado onde os coronéis conseguiram silenciar e até sumir com estudantes, a luta veio com tudo de São Paulo e contagiou o nosso estado, levando os estudantes a ocupar mais de 30 escolas. Número pequeno, mas – olhando pela força e união que ele conseguiu proporcionar – ele toma proporções inimagináveis. Dois editais das OS [organizações sociais] foram barrados e houve mais de 100 presos políticos. A repressão se intensificava a cada ato e nova ocupação que surgia, mas a resistência continuava ali e continuava, acima de tudo, para que pudessemos conseguir levar para a população a luta contra a privatização do ensino público e escancarar o método covarde com que o Estado agia. Estamos revivendo e fortalecendo a luta contra o desmanche da educação pública no Brasil e em Goiás. Goiás resiste!”.

**Raquel Alves,**  
**Instituto de Educação de Goiás (IEG),**  
**Goiania (GO)**

“O espírito de indignação tomou conta dos estudantes secundaristas que ocuparam as escolas de todo o país, mostrando um novo método de movimento estudantil. Mostramos a escola que tem nossa cara, emancipadora e livre de toda forma de opressão. No Rio Grande do Sul, formamos o governo Sartori e saímos vitoriosos. Ocupamos as escolas por mais de 30 dias e garantimos a derrubada de um projeto de lei que tem a finalidade de privatizar a educação. Conquistamos um fórum permanente de alunos com a Secretaria de Educação para a fiscalização das verbas, garantimos R\$ 40 milhões para reformas de mais de 300 escolas e garantimos o preenchimento de vagas de professores no estado”.

**Ana Paula Santos,**  
**Colégio Estadual Protásio Alves,**  
**Porto Alegre (RS)**



“Durante a ocupação, tive a oportunidade de visitar inúmeras outras escolas, conhecendo centenas de pessoas de todas as idades. As principais pautas do *Ocupa Bacaxá* eram: o pagamento imediato dos terceirizados, o conserto de todos os aparelhos de ar-condicionado, a instalação de laboratórios e o pagamento dos professores. Destas, a única que conseguimos foi o pagamento dos terceirizados. As outras demandas o governo prometeu fazer conforme o tempo, mas ele não fez nenhum acordo. Como ato de repúdio, andamos cerca de 100 km, durante 20 horas, de Saquarema até a Alerj [Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro], que fica no Centro do Rio”.

**Yan Otonni,**  
**Fundação de Apoio à Escola**  
**Técnica (Fatec), Rio de Janeiro (RJ)**

“Como aluna que está participando de uma ocupação e cidadã que acompanha as notícias, posso dizer com total convicção que, neste exato momento, as ocupações são extremamente necessárias. É claro que as manifestações nas ruas são importantíssimas. Entretanto, esse tipo de mobilização não está funcionando e nem atingindo seus objetivos. Tentamos, então, mudar de tática e, a exemplo de outros estados, resolvemos que as ocupações eram a única saída para tentar barrar a aprovação da PEC 241 e da MP 746”.

**Mirella Benigno,**  
**Centro de Ensino Médio (CEM) 304,**  
**Samambaia (DF)**

“Eu sou e estou aqui pra conversar com vocês, pra falar sobre as ocupações. A minha pergunta inicial é: ‘de quem é a escola? A quem a escola pertence?’. É um insulto a nós, que estamos lá nos dedicando, procurando motivação todos os dias, sermos chamados de *doutrinados*. É um insulto aos estudantes, é um insulto aos professores [...]. Nós não estamos lá de brincadeira. Nós sabemos pelo que nós estamos lutando. A nossa bandeira é a educação. Nós somos um movimento apartidário. Nós somos um movimento dos estudantes pelos estudantes. Somos um movimento que se preocupa com as gerações futuras, um movimento que se preocupa com a sociedade, que se preocupa com o futuro do país. Que futuro o Brasil vai ter se não nos preocuparmos com uma geração de pessoas que vão desenvolver senso crítico? [...]. A gente sabe que é preciso uma reforma no ensino médio, não só no ensino médio, como no sistema educacional como um todo. A reforma da educação é prioritária. Só que a gente precisa de uma reforma que tenha sido debatida, uma reforma que tenha sido conversada. Uma reforma que precisa ser feita pelos profissionais da área da educação. É desta reforma que a gente precisa. Uma reforma com conversa [...].

Tem também o popularmente conhecido como Lei da Mordça, o ‘Escola Sem Partido’, que é uma afronta. Uma escola sem partido é uma escola racista, uma escola homofóbica. A Escola Sem Partido é falar pros jovens, para a sociedade, que querem formar um exército de não pensantes, um exército que ouve e abaixa a cabeça. E nós não somos isso [...]. Uma escola sem partido nos insulta, nos humilha [...]. A PEC 241 é outra afronta, gente, é inconstitucional, a maior afronta à Constituição de 1988 [...]. A gente não pode cruzar os braços pra isso [...]. O movimento estudantil nos trouxe um conhecimento muito maior sobre política e cidadania do que todo o tempo que nós estivemos sentados e enfileirados em aulas-padrões [...]. Apesar de toda esta ridicularização e desmoralização, apesar de sermos ofendidos, apesar dos problemas que a gente vai enfrentar, a gente ainda consegue ter a presença da felicidade, porque a gente percebe que deixou de ser meros adolescentes: nós nos tornamos cidadãos comprometidos”.

**Ana Julia Ribeiro,**  
**Colégio Estadual Senador Manuel Alencar de Guimarães,**  
**Curitiba (PR), em depoimento na Assembleia Legislativa**

“A PEC 241 VAI PREJUDICAR MUITO AS ESCOLAS E OUTROS SERVIÇOS PÚBLICOS, AINDA MAIS JUNTO COM A REFORMA DO ENSINO MÉDIO. ONDE JÁ SE VIU PROPOR UM PROJETO QUE, PRA SER IMPLEMENTADO, PRECISA DE MAIS ESTRUTURA E INVESTIMENTOS, MAS VÃO CORTAR OS GASTOS PRA AQUILO?!”.

MARIA CASTANHO ANSARAH, 17 ANOS, ASA NORTE

“A FALTA DE PLANEJAMENTO NA CONSTRUÇÃO E A APARÊNCIA FÍSICA DO CEF OS ACABAM ESPALHANDO MUITOS ESTIGMAS E FALATÓRIOS INDESEJADOS, COMO: ‘ESTA É A PIOR ESCOLA DO PARANOÁ’ E ‘SÓ TEM BANDIDO NESTA ESCOLA’”.

BRENDA FERNANDES, 14 ANOS, PARANOÁ PARQUE

“ODEIO VER O CRUSH DE GRACINHA COM OUTRA...”.

LISS LAWANNE COSTA, 17 ANOS, GUARÃ I

“QUEM MORA NO PARANOÁ NÃO CONSEGUE ENTRAR NOS ÔNIBUS, MESMO QUE O TERMINAL RODOVIÁRIO SEJA DO PARANOÁ. O TRANSPORTE SAI DO TERMINAL E VAI ATÉ O ITAPOÃ E, QUANDO RETORNA AO PARANOÁ, VOLTA LOTADO. É NECESSÁRIO FAZER UMA REFORMA DAS LINHAS E AUMENTAR A FROTA”.

VICTOR HUGO, 18 ANOS, PARANOÁ

“ENQUANTO MILHARES DE ESTUDANTES SE MANIFESTAM PEDINDO EDUCAÇÃO, OS GOVERNANTES SÓ SABEM MANDAR POLÍCIA. QUEREM CALAR A JUVENTUDE!”.

BRENO LOBO, 19 ANOS, ASA NORTE

“A PEC 241 É O PROJETO DE LEI MAIS INFELIZ DO MUNDO. O OBJETIVO É TOMAR DUAS COISAS DE EXTREMA IMPORTÂNCIA PARA A SOCIEDADE: EDUCAÇÃO E SAÚDE. SE REALMENTE QUEREM ECONOMIZAR, O ACONSELHÁVEL É COMEÇAR PELA REDUÇÃO DO SALÁRIO E CORTE DAS MORDOMIAS DOS POLÍTICOS”.

ANA VITÓRIA, 20 ANOS, GAMA

“FALTA SEGURANÇA NA CIDADE DE VALPARAÍSO... NÓS, MORADORES, ESTAMOS SOFRENDO COM MUITOS ASSALTOS PELAS REGIÕES”.

ALEX ANTÔNIO, 21 ANOS, VALPARAÍSO

“O GDF NÃO PAGOU A DÍVIDA COM O TRANSPORTE ESCOLAR E OS/AS ADOLESCENTES DA ESTRUTURAL QUE DEPENDEM DESSE TRANSPORTE NÃO ESTÃO INDO PARA A ESCOLA POR CONTA DISSO”.

RAQUEL FERREIRA, 22 ANOS, ESTRUTURAL

# FALO MERRRRRRMMMMOOOOO!!

“ODEIO ALGUMAS PESSOAS JULGAREM A MULHER PELO MODO QUE ELA SE VESTE. ACHO QUE, ASSIM COMO O RACISMO, ISSO DEVERIA SER UM CRIME. EU TENHO O DIREITO DE VESTIR O QUE EU QUISER!!!”.

GEOVANA FÊNIX MENDES, 15 ANOS, ESTRUTURAL

“ODEIO QUANDO EU CHAMO O SAMU NA MINHA COMUNIDADE E ELES FALAM QUE NÃO PODEM ENTRAR POR FALTA DE ESCOLTA POLICIAL”.

WALISSON DE SOUZA, 21 ANOS, ESTRUTURAL

“NÃO DÁ PRA EU SAIR PRA CERTOS LUGARES PORQUE SINTO OLHARES MALDOSOS SOBRE MIM... EU TENHO O DIREITO DE ESCOLHER O QUE QUERO PARA A MINHA VIDA”.

KAUÃ ALVES (MENINO TRANS), 18 ANOS, CEILÂNDIA

“ACHO RIDÍCULO, EM PLENO SÉCULO XXI, PESSOAS ACHAREM QUE A MAIOR CULPADA POR SER UMA VÍTIMA DE ESTUPRO É A MULHER. VAMOS ACORDAR, NÊ, GALERA??!! NENHUMA MULHER SAI DE CASA COM UMA PLACA NA TESTA ESCRITO: ‘QUERO SER ESTUPRADA’. JÁ CHEGA DE TANTA HIPOCRISIA!”.

KEISSA CARVALHO, 17 ANOS, ESTRUTURAL



Foto: Márcia Acioli

## ENSINAR A PENSAR PODE SE TORNAR UM CRIME NO BRASIL

Ana Vitória Slavica Radic, 20 anos

Vocês já devem ter ouvido falar na proposta chamada “Escola Sem Partido”, também conhecida como “Lei da Mordada”. Juntamente com outros dois projetos, estas iniciativas se configuram na maior ofensiva à educação de qualidade da história recente do Brasil.

Uma delas é a autoritária reforma do ensino médio, instituída por intermédio da Medida Provisória 746, no dia 22 de setembro de 2016, sem qualquer consulta ou participação de estudantes e professores. A outra é a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que, no Senado, recebeu a denominação de PEC 55 (na Câmara, ela era denominada PEC 241). Esta PEC propõe congelar os gastos de educação e saúde no país pelos próximos 20 anos.

Neste texto, vamos focar no Escola Sem Partido, cujas propostas já estão em pelo menos três projetos tramitando na Câmara dos Deputados, o Projeto de Lei (PL) 867, apresentado em 2015 pelo deputado federal e presidente do PSDB-DF Izalci Lucas Ferreira; o PL 7.180/2014, do deputado Erivelton Santana (PSC-BA); e o PL 1.411/2015, de Rogério Marinho (PSDB-RN). No Senado, o senador Magno Malta (PR-ES) apresentou o PLS 193/2016. O Escola Sem Partido é bastante polêmico. Além de estar sendo debatido nas TVs, nas redes sociais, em reuniões de famílias e até mesmo nas salas de aula, foi um dos principais motivos para as ocupações das escolas realizadas especialmente no segundo semestre de 2016. O objetivo do Escola Sem Partido é proibir o debate de

temas como: religião, política e diversidade de gênero em todos os níveis de ensino.

Ao mesmo tempo em que a proposta de lei afirma que a/o aluna/o deve ter liberdade de expressão, também afirma que determinados temas não podem ser debatidos em sala de aula. Em outras palavras, querem colocar uma mordada nos nossos professores e supervisionar como os temas são ensinados/aprendidos. Ensinar a pensar – ou seja, o estímulo à reflexão, o exercício da troca de ideias, o questionamento e a percepção crítica – se tornará um crime. Quem violar essa lei correrá o risco de, até mesmo, ser preso. Uma das propostas, a do deputado Rogério Marinho, sugere que nossos professores sejam punidos até mesmo pelas opiniões expressas fora da sala de aula. Ou seja, eles não terão liberdade de expressão nem em suas redes sociais, por exemplo.

Enquanto o Plano Nacional de Educação (PNE) busca oferecer uma educação de qualidade para estudantes de todo o Brasil, o Escola Sem Partido propõe o oposto disso. O PNE quer oferecer cultura, política, arte e tantas outras possibilidades que visam a promover a construção de novas visões de mundo. Mas o que aconteceria se fosse aprovado um projeto que tem como objetivo destruir tudo isso?

As escolas e as universidades perderão o que é mais importante, que é a perspectiva democrática na construção do conhecimento. Questionar será proibido. Se o aluno quiser permanecer na escola sem problemas, ele não poderá pensar diferente. **É provável que haverá uma linha única de pensamento, matando e excluindo as diversidades de ideias.** E tudo indica que aqueles que se rebelarem contra essa lei serão punidos.

Tudo passará a ser monitorado, como na época da ditadura. Quando o professor apresentar algo fora daquilo que o sistema considera “certo”, ele será imediatamente cortado e excluído. As aulas perderão aquilo que elas têm de mais rico: os debates, a multiplicidade de opiniões.

“É em contato com a diversidade que a aluna e o aluno formam suas percepções e não com uma inexistente neutralidade. Além disso, acredito que a sociedade brasileira não quer membros do Legislativo definindo o que um professor pode falar em sala de aula. Arrisco-me a dizer que a sociedade brasileira aprova mais o trabalho dos professores que o trabalho de vereadores, deputados e senadores”, comenta o professor e assessor parlamentar Rodrigo Pael.

Um deputado, que mal conhece a realidade das escolas e universidades, quer “neutralizar” as escolas simplesmente porque ele pensa que isso é o correto. Ele não deve nunca ter pensado, por exemplo, que será impossível dar aula de história se essa proposta for implantada.

Para Daniel Cara, coordenador da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, é impossível que as escolas sigam esse molde. Em depoimento ao Centro de Referências em Educação Integral, ele afirmou que: “Não é possível [ser neutro], porque qualquer tema que se aborde leva um juízo de valor do professor, o que é importante. O que ele não pode fazer é limitar a aula a seu juízo de valor. Determinar a neutralidade política numa lei é um equívoco absoluto”, avalia ele.

Para saber mais, acesse:

<http://educacaointegral.org.br/reportagens/especialistas-desconstroem-os-5-principais-argumentos-escola-sem-partido/>

Segundo o site G1, até o final de julho de 2016, já haviam sido apresentadas doze propostas de lei do Escola Sem Partido em dez estados e no Distrito Federal.

Para saber mais, acesse:

<http://especiais.g1.globo.com/educacao/2016/escola-sem-partido/>

Quase todas essas propostas reproduzem o texto do programa que veda o ensino de “conteúdo que possa estar em conflito com as convicções religiosas ou morais dos pais e responsáveis”.

Em Alagoas, o projeto foi vetado pelo governador, mas o veto foi derrubado na Assembleia Legislativa, tornando-se a Lei Estadual 7.800/2016. Esta lei, no entanto, está sendo questionada no Supremo Tribunal Federal (STF). Em Goiás, no Espírito Santo e no Paraná, depois de serem alvo de críticas de professores, os projetos foram arquivados.

Diante desta grave ameaça à educação, é necessário que o conjunto da sociedade brasileira, além de questionar qual é o objetivo de projetos como este, resista a quaisquer retrocessos em relação aos direitos e avanços duramente conquistados por estudantes, professoras/es e especialistas da área da educação no país.

Para saber mais sobre estes projetos:

**PL 867/2015:**

<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1317168.pdf>.

**PL 7.180/2014:**

<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=606722>.

**PL 1.411/2015:**

<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=606723>.

**PLS 193/2016:** <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/125666>.

## PLANO DECENAL: QUE TREM É ESSE?

Keissa Carvvalho, 16 anos



Você já conhece o Plano Decenal dos Direitos Humanos das Crianças e dos Adolescentes? Nem eu, que sou adolescente, sabia da existência desse plano, que, na teoria, veio para facilitar a nossa participação na elaboração de políticas públicas. Mas será que isso está, de fato, acontecendo? Vamos ver?

O Plano Decenal dos Direitos Humanos das Crianças e dos Adolescentes é um conjunto de estratégias que foi construído para garantir que os direitos de crianças e adolescentes sejam efetivados e não violados. É um plano que estabelece metas para o Estado durante dez anos consecutivos.

E por que dez anos? Porque, de quatro em quatro anos, temos novas eleições e mudanças no governo. Se montássemos um conjunto de estratégias, tudo certinho, e logo depois mudasse o governo, correríamos o risco de perder tudo o que demorou anos para ser formulado. Então, o Plano Decenal serve para manter fixas as metas de garantia de direitos por mais tempo.

Segundo Márcia Acioli, assessora política do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), antes os governos descartavam os programas por motivo de mudanças de prioridade (ou por vaidade?), como se o direito estivesse mais ligado às políticas de cada governante, sem o compromisso deste com as pessoas para quem as políticas estão destinadas. “Já imaginaram? Vamos dar um exemplo: no governo de um determinado prefeito havia um programa de en-

frentamento à violência e exploração sexual de crianças. Ao se eleger um novo prefeito, este descarta um programa tão importante e, assim, deixa de cumprir com o papel de assegurar a proteção integral a todas as crianças e a todos os adolescentes. Com o Plano Decenal, isso se torna mais difícil de acontecer. Afinal, o compromisso passa a ser de 10 anos”, explica a assessora.

O Plano começou a ser criado na VIII Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, em 2009. Na época, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estava com seus 19 anos. Havia um estatuto, mas nada ou quase nada estava sendo implementado. Quase nada estava acontecendo, na prática. Existiam muitas crianças fora da creche, fora da escola, adolescentes em situação de rua, sem atendimento e sem prioridade alguma para os governos.

O Plano foi aprovado com eixos, diretrizes e objetivos estratégicos, em 2011, para garantir e fiscalizar a aplicação dos direitos de crianças e adolescentes, tanto os estabelecidos pelo ECA quanto por outras leis. Ele parte da realidade verificada nas pesquisas que identificaram toda a fragilidade das políticas públicas voltadas para a infância e a adolescência. Diante dessas fragilidades, pensou-se em eixos temáticos, de forma a responsabilizar os devidos órgãos (veja o quadro).

Um dos eixos trata sobre a nossa participação na elaboração de políticas como o Plano Decenal. Acha-

mos muito importante que tenhamos o direito de opinar e de que sejamos considerad@s nos espaços de promoção de direitos: escolas, igrejas, famílias e nas políticas públicas. Queremos participar dos espaços de discussões e decisões que se relacionem com as nossas vidas. Pois se, de fato, as políticas são para o nosso próprio benefício, nós é que temos que decidir o que queremos para o nosso presente e para o nosso futuro. Não são os deputados ou alguém que está “em cima” que deve decidir por algo que nós vamos viver.

**Será que temos, realmente, o direito à participação?**

Sou Keissa, moro na Estrutural e quero contar um pouco da minha realidade de participação no dia a dia, que, na verdade, tem sido pouca. Na minha escola, nós, estudantes, podemos participar da votação para escolha da diretoria, pois também temos direito ao voto. E outra forma de participação na qual eu estive presente foi a da conquista dos nossos ônibus escolares. Bem, recebemos em nossas escolas uma notificação do secretário de Educação, que nos avisava que, assim que voltássemos das férias, ficaríamos sem os ônibus escolares, que nos levam da Estrutural até o Guarú ou o Cruzeiro, a depender da escola da pessoa. Desde então, mobilizamos os estudantes para fazermos manifestações contra essa decisão. Seguimos mobilizados, até que ficamos sabendo que nossos ônibus não seriam retirados. Mostramos para o governo que não vamos ficar caladas



e calados diante de toda a decisão que ele tomar e achar que é “a melhor para nós”, porque temos voz e sabemos decidir por nós mesm@s.

Uma coisa da qual gostaríamos de participar, mas não podemos, é da votação do conselho tutelar, que é um trabalho voltado, especialmente, para crianças e adolescentes, mas quem faz parte das votações são os adultos.

Também gostaríamos de votar e decidir a respeito de outros projetos recentes, como a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241 (que virou PEC 55) e o Projeto de Lei da Escola Sem Partido. São coisas que muitos políticos afirmam que dizem respeito às nossas vidas diretamente, mas não vemos nenhum jovem, adolescente ou criança participando dessas decisões. Queremos participar de perto de tudo o que vai interferir no nosso presente e no nosso futuro. Não é justo decidirem por nós, pois ninguém que ocupa cargos de poder vive o que a gente vive.

Um exemplo de decisão vinda do governo e não conversada com a gente é a Reforma do Ensino Médio, que foi feita por meio de uma Medida Provisória (MP). É, portanto, algo que nos preocupa muito, pois essas medidas deveriam ser utilizadas apenas nos casos em que for necessário se decidir rapidamente. E quem decide? São os deputados e senadores que definem se ela é válida ou não. Pois bem, no caso dessa medida provisória, que decide o futuro de crianças e adolescentes, não houve nenhuma reunião em escolas para que eles pudessem saber o que achamos disso tudo. Você acha isso certo?

“Por que é tão difícil assegurar a participação de crianças e adolescentes nas decisões que afetam a sociedade?”, pergunta Márcia Acioli. Ela nos diz o seguinte: “Seguramente, vivemos em uma cultura autoritária, que sempre desprezou determinados sujeitos. Romper com a ordem estabelecida é difícil. Hoje, vejo com alegria adolescentes ocupando suas escolas numa luta política muito objetiva. Se a participação é negada, a meninada não faz por menos: assume o seu papel de agentes transformadores da realidade”.

Apesar de existir uma certa reprovação sobre todas as lutas que nós, adolescentes, estamos dispostos a fazer, estamos cada vez mais organizados e com a certeza de que, se a gente não se juntar e ir para a luta, nós não teremos, de fato, uma forma de participação, a não ser essa de fazer manifestações e ocupar escolas que são nossas. É nossa maneira de chamar a atenção dos deputados e senadores para que eles possam perceber que os adolescentes estão por dentro de todas as decisões que possam interferir no nosso futuro.

Se todos os adolescentes e crianças tivessem, de ver-



Foto: Weibert da Cruz

dade, o real direito de participação sobre qualquer decisão a respeito de qualquer assunto que venha, de uma certa forma, a interferir em seu presente e futuro acadêmico, profissional e social, seria uma dádiva, pois iríamos estar de perto participando de todas as decisões e podendo expor nossas opiniões sobre tudo o que eles “acharem importante para nós”. E haveria menos erros na execução das políticas públicas, porque nós é que estaríamos decidindo sobre o que diz respeito a nós mesmas e a nós mesmos. Para finalizar, quero manifestar aqui minha chateação com o Plano Decenal, pois ele foi feito para crianças e adolescentes, mas se uma criança ou um adolescente pegá-lo para ler, não vai entender quase nada, pois é muito complexo.

#### **Eixos temáticos do Plano Decenal dos Direitos Humanos das Crianças e dos Adolescentes**

Eixo 1 – Promoção dos direitos de crianças e adolescentes.

Eixo 2 – Proteção e defesa dos direitos.

Eixo 3 – Protagonismo e participação de crianças e adolescentes.

Eixo 4 – Controle social da efetivação dos direitos.

Eixo 5 – Gestão da Política Nacional dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes.

**O que o Plano Decenal determina como necessário para garantir o protagonismo e a participação de crianças e adolescentes na elaboração, fiscalização e efetivação de seus direitos?**

O Eixo Temático 3 do Plano trata desse assunto e estabelece algumas diretrizes:

- Promover a participação de crianças e adolescentes nos espaços de convivência e de construção da cidadania.

- Criar mecanismos que facilitem a participação de crianças e adolescentes nos processos de formulação e deliberação de políticas que os envolva.

- Oportunizar a escuta de crianças e adolescentes nos serviços de atenção e em todo o processo judicial e administrativo que os envolva.

- Abrir mais espaços para crianças e adolescentes, na sua diversidade, aos meios de comunicação, para expressão e manifestação de sua opinião.

QUER UMA DICA DE  
ESPAÇO CULTURAL?  
NÃO DEIXE DE IR  
AO CONIC!

Israel Victor de Melo, 21 anos

Foto: Ana Flávia Flôres

*Se você é daquelas pessoas que gosta de conhecer diferentes tribos e grupos e ainda quer comprar produtos populares, baratos e coisas que não se encontram em lugar algum (de cabelo a camiseta estampada), não deixe de ir ao Conic! Além de poder desfrutar de um espaço cultural muito interessante, você resiste junto a um prédio que, historicamente, sob ameaças de fechamento, segue representativo!*

**B**rasília, cidade-capital planejada, sofre cotidianamente com as ameaças de uma especulação imobiliária cada vez mais violenta. A cidade cresce e, com uma promessa de “modernização”, espaços históricos e culturais da comunidade perdem força para empresas que visam tão somente ao acúmulo de dinheiro. Isso não é diferente de casos de outras grandes cidades.

Mesmo nesse cenário assustador de pressões políticas e econômicas, o Conic resiste firme e forte! Não há quem more no DF (e no Entorno) e não conheça o prédio que algumas pessoas maliciosamente classificam como o “primo feio do Conjunto Nacional”. Este edifício é palco de muitas manifestações. Quem passa por ele pode ver, no começo da calçada, “pessoas-sanduíche” oferecendo o típico “Chip, exame admissional e demissional!” ou, ainda, um culto evangélico; do outro lado, uma manifestação do Movimento Negro da cidade e, ao final, meninas skatistas treinando em corrimões. Dá até para atravessar o prédio ao som de “Podres poderes”, de Caetano Veloso, e imaginar que a música foi feita em homenagem ao Conic: “Enquanto os homens exercem / Seus podres poderes / Índios e padres e bichas / Negros e mulheres / E adolescentes / Fazem o carnaval”.

O Setor de Diversões Sul, vulgo Conic, foi construído em meados da década de 1970, com o intuito de atender às necessidades de lazer e diversão de uma população de pouco mais de 500 mil habitantes. Localizado na plataforma superior da (tão movimentada e popular) Rodoviária do Plano Piloto, o Conic é um ponto de encontro de muitas tribos (e deve ser por isso que todo mundo o conheça!). Além de tudo isso, ele é um centro comercial, com bares, cafés, livrarias, lojas, sedes de diversos movimentos sociais, igrejas, *sexy-shop* e até teatro. Por sinal, o Teatro Dulcina de Moraes é uma das faculdades de artes cênicas mais conhecidas da cidade, pela excelente formação de artistas.

Para além de mero “edifício comercial”, desde a época da ditadura militar, o Conic guarda histórias de luta e resistência. E é em frente ao prédio que está localizada a Praça Zumbi dos Palmares, local verdadeiramente importante e representativo da comunidade negra do DF e do Brasil. Lá, podemos encontrar o busto de um dos maiores líderes negros e símbolo da luta negra frente à escravidão e às atrocidades marcadas pelo racismo!

Na simetria urbanística tipicamente brasiliense, este “primo feio do Conjunto Nacional” sempre significou os opostos de uma lógica mercantilista: ao norte, um *shopping*; ao sul, o Conic – mais popular, acessível, dinâmico e diverso. De um lado, as camadas elitistas; de outro, as populares.

Nos últimos anos, o espaço tem se fortalecido bastante culturalmente, com a promoção de eventos culturais e políticos muito engajados: os movimentos “Dulcina Vive” e “Nossa Brasília” têm, juntos, potencializado este espaço tão importante para a história de Brasília.

# DESAFIOS DA UNIVERSIDADE PARA JOVENS DAS PERIFERIAS

Ana Vitória Slavica Radic, 20 anos

Passsei minha vida toda sonhando em ingressar no ensino superior. Imaginava como seria minha vida dali para frente. Almejava, com todas as minhas forças, que esse dia chegasse logo. Pensava que a parte mais difícil seria conseguir a aprovação no Enem e no vestibular. Acreditava que, depois que entrasse na faculdade, meus problemas acabariam e que, dali para frente, haveria muita festa e diversas viagens. Uma outra ilusão era pensar que faria apenas as coisas das quais eu gosto, que poderia escolher as matérias que queria e descartar todas aquelas que considero “chatas”.

Finalmente, chegou o grande dia, o vestibular... Mas eu ainda não tinha certeza de qual curso queria fazer. Passar no exame não foi difícil como pensei que seria. A parte mais complicada foi decidir qual caminho trilhar, esse foi o primeiro problema que encontrei. Sempre quis Jornalismo, mas – por algum motivo muito doido – prestei vestibular para Direito, pensando em cursar Biomedicina e, ao mesmo tempo, odiando Química. Minha cabeça estava uma confusão só.

Aos poucos, outras dificuldades surgiram. Logo no primeiro dia de aula, recebi a notícia de que não havia sido formada uma turma no turno que eu queria. Se eu quisesse continuar cursando Jornalismo, teria que passar para o noturno, mas nesse turno a mensalidade é bem mais cara. As outras opções eram trocar de curso e trancar ou cancelar a matrícula.

Ainda imersa na confusão, decidi assistir a uma aula experimental do curso de Direito. Foi a aula mais chata e sufocante da minha vida! Servi para eu perceber qual curso realmente queria.

Topei mudar para o turno da noite, pois a coordenado-

ra nos prometeu que o valor continuaria o mesmo da manhã. Mal sabia que os meus problemas estavam apenas começando! Os boletos começaram a chegar com cobranças indevidas, acompanhadas de ligações cheias de ameaças. Ouvi muitas vezes que eles não poderiam “fazer nada” para me ajudar e que eu deveria pagar o quanto antes. Caso contrário, estaria impedida de realizar as provas e até mesmo de entrar na instituição. Foram seis meses de tormento e angústia. Depois de muita luta, finalmente consegui o tão sonhado Prouni. Tirei um peso enorme das minhas costas!!! E achei que, finalmente, dali pra frente, não teria mais problemas. Porém, logo percebi que mais uma vez tinha me iludido. O Prouni cobre apenas os gastos referentes às aulas que estão na minha grade curricular. Em uma faculdade privada, a utilização dos computadores e o acesso à biblioteca são ridiculamente limitados. Na minha, tenho acesso aos computadores apenas por 15 horas mensais e posso pegar emprestados apenas cinco livros por semestre da biblioteca – o que qualquer pessoa de bom senso há de convir que é muito pouco para uma/um estudante de Jornalismo. Se eu precisar usar mais, tenho que me virar para pagar. Se eu quiser ler mais, tenho que me virar para pagar. Ou seja, se eu quiser cumprir com minhas obrigações de estudante, tenho que me virar para pagar. Outro grande choque foi com o método de avaliação. No ensino médio, era muito fácil tirar boas notas. Alguns professores apreciavam o fato de que a/o aluna/o mantivesse o caderno completo, outros consideravam o bom comportamento e a participação nas aulas. As provas valiam apenas quatro pontos. Sempre tirei notas boas, até mesmo naquelas matérias em que tinha muita dificuldade. Já na faculdade onde estudo, temos apenas uma prova valendo sete pontos e um trabalho valendo três. Estudar nunca é demais. Mas isso me faz pensar que, se eu tivesse adquirido anteriormente o hábito de estudar, talvez agora o “fardo” seria mais fácil de carregar. Afinal de contas, já estaria acostumada com horas e horas de estudo. Essa situação me mostrou o vácuo que há entre as escolas públicas das periferias e o ensino superior, tanto em termos de conteúdo como em termos da necessidade de ter que crescer “mesmo que na marra”. Ganhar nota para fazer minhas obrigações? Nem pensar!

Passar no vestibular não é o suficiente. Não é tão fácil como a gente pensa quando está na escola, sonhando com a universidade. Não que deveria ser fácil, mas não deveríamos passar por todas essas dificuldades só porque o Estado prefere não investir em educação. Essa deveria ser uma fase tranquila, em que o aluno poderia focar nos aprendizados da profissão que escolheu, no seu crescimento pessoal, na possibilidade de conhecer gente nova, vivenciar novas experiências e também se divertir. Infelizmente, as coisas não são assim, não para todos. Talvez seja apenas nos contos de fadas.

Foto: Márcia Acioli

Nem todos têm o privilégio de ter uma família que pode custear os estudos e garantir uma vida universitária sem preocupações financeiras e sem a necessidade de se sobrecarregar com trabalhos que nada têm a ver com a profissão escolhida. O que me faz continuar lutando foi perceber que não estou sozinha. Ganho mais forças para continuar e seguir em frente quando leio e ouço histórias de estudantes que enfrentaram algum tipo de dificuldade. Para nós, todo dia é dia de lutar um pouco. E, assim, seguimos vencendo batalhas.

A seguir estão mais dois exemplos de universitárias que, mesmo após passarem no vestibular, continuaram tendo que enfrentar muitos desafios:

## Romper paradigmas e eliminar desigualdades

Em primeiro lugar, um dos principais desafios é vencer o paradigma de que a universidade não é um lugar para jovens periféricos. Em seguida, a desigualdade entre o ensino que é ofertado na rede privada e na rede pública, na qual se vivencia muitas vezes a falta de professores, o que prejudica quem muito precisa de educação de qualidade. A preparação para os vestibulares e o Enem e o acesso a alguns cursos são extremamente difíceis pra quem não consegue pagar um cursinho. Para além de entrar na universidade, temos também

a dificuldade de permanecer tanto nos espaços físicos como nos sociais, devido à vulnerabilidade financeira e à própria falta de esforço da instituição para se assegurar uma inclusão real na universidade.

**Ravena Carmo, 26 anos, ex-aluna da escola do Centro para Atendimento Juvenil Especializado (Caje) – unidade de internação para adolescentes em conflito com a lei –, hoje estudante de Ciências Naturais na Universidade de Brasília (UnB)**

## Por uma universidade na e da comunidade

É um orgulho para mim ser jovem de periferia. Amo a minha cidade! No entanto, morar num território distante do centro e que não disponibiliza políticas públicas o suficiente para eu permanecer na minha própria comunidade é um desafio constante. Preciso me deslocar para trabalhar, estudar e, inclusive, para me divertir: dançar, ir ao teatro, ao cinema..., etc. Moro em Santa Maria. Quando iniciei o curso superior, eu trabalhava 40 horas semanais em Ceilândia e estudava à noite em Taguatinga. Eram duas horas de ônibus para o trabalho, 40 minutos do trabalho

para a faculdade e 1h30 da faculdade para casa. Eu me sentia frustrada com o pouco tempo que tinha para vivenciar mais a universidade, mas pagava meu curso com o meu próprio salário, então precisava trabalhar. Eu não conseguia nem fazer as leituras de todos os textos solicitados. Consegui bolsa pelo Prouni, mas, mesmo assim, não trabalhar não era uma possibilidade muito real para uma jovem de periferia e que precisa ajudar a pagar as contas de casa. Hoje, com 23 anos ainda, já me sinto muito exausta com a quantidade de atividades que faço por dia e com o pouco tempo que tenho até mesmo para dormir. As cobranças de todos os lados não param. Eu sigo tentando resistir, mas o fato de eu conseguir não quer dizer que toda/o jovem consiga. Apesar dos desafios, sempre tive muito apoio e afeto em casa pra poder continuar. Foram muitas as vezes em que chorei por causa do cansaço e por receio de não dar conta. Gostar do meu curso e do trabalho que realizo também me ajuda, mas é uma luta diária pra não desistir.

**Thallita Oliveira, 23 anos, aluna de Psicologia na Universidade Católica de Brasília**

*Sem Palavras*







## COMO CHEGAR AO ENSINO MÉDIO SE NÃO HÁ VAGAS PARA TOD@S?

Gabriel Carvalho da Silva, 15 anos  
Victor Hugo Vieira Queiroz, 18 anos

Como em muitas outras cidades do Brasil, na capital federal do país também há um enorme déficit de escolas e professores no ensino público. E muitas e muitos jovens têm o seu rendimento escolar e suas próprias vidas bastante afetados por esta falta de investimento e efetivação de políticas públicas que garantam o acesso a um dos direitos constitucionais fundamentais: a educação. Segundo um levantamento informal que fizemos com alunos, professores e funcionários de escolas, na região do Distrito Federal há déficit de escolas nas seguintes regiões administrativas: Paranoá, Ceilândia (nas ocupações Sol Nascente e Pôr do Sol), Estrutural, Itapoã, Riacho Fundo 2 e Planaltina. Em relação aos docentes, o Sindicato dos Professores do DF (Sinpro-DF), em março de 2016, já alertava sobre a preocupante ausência de profissionais para dar início ao ano letivo nas escolas da rede pública do Distrito Federal.

Na avaliação da ex-diretora do Centro Educacional (CED) 4 do Guará e membro do Sinpro-DF, Vilmara Pereira, a falta de professores ocorre porque o governo não convoca os profissionais já aprovados em concursos e nem faz novos concursos para suprimir a grande demanda de docentes que há. “Esta situação causa inúmeros problemas, como a evasão escolar, que é quando as crianças e os adolescentes deixam de frequentar a escola; a necessidade dos alunos de ter que se locomover

para outras cidades pela falta de vagas ou mesmo de escolas onde moram; e o afastamento da família do ambiente escolar. A escola não vira um instrumento ‘identitário’ dos estudantes, ou seja, eles não criam com a escola um vínculo necessário e forte, o que se torna um componente bastante negativo no processo de aprendizagem”, afirmou.

Muitos alunos sofrem com isso, como é o caso de Jonathan Dias, 16 anos, que mora na área rural de Planaltina, mas tem que ir estudar no Paranoá, que fica a cerca de 20 km. “Eu sou prejudicado porque a escola está muito longe da minha casa e isso acaba afetando o meu rendimento escolar. Gasto muito tempo para ir e voltar no transporte. Saio muito cedo e tenho que ficar esperando abrir a escola ou, muitas vezes, chego atrasado, porque o transporte daqui não é 100% e nem é todo dia que o ônibus passa. Também acabo tendo pouco tempo para fazer as obrigações dentro de casa, fazer os deveres e trabalhos da escola”, explica ele.

Outra estudante que se sente prejudicada é Ana Beatriz Barbosa, 16 anos, que mora na Estrutural e estuda no Guará. “Por não ter escolas aqui e o transporte ser muito ruim, dá até preguiça de acordar cedo. Ainda mais considerando a falta de condição de muitos de nós, ‘tipo’ a necessidade de ter que trabalhar pra ajudar em casa...”, desabafa ela.

Cleber Soares, diretor do Sinpro-DF, afirmou – em texto publicado pelo sindicato no início do ano – que a previsão era de um déficit de pouco mais de mil docentes na rede pública em 2016. Além disso, o excesso de alunos em sala de aula, a falta de infraestrutura em muitas escolas, a carência de quadras poliesportivas e a ausência de acessibilidade foram apontados como alguns dos principais problemas que devem ser enfrentados pelos governantes. “São colocadas muitas crianças dentro de uma turma só. Não é para ser um depósito, mas um espaço para produzir o saber, e o número de pessoas dentro das salas impacta o rendimento da turma”, explicou ele. Tais problemas, portanto, prejudicam os alunos, os professores e a comunidade escolar como um todo. A construção de escolas é a principal solução apontada por Vilmara Pereira para o atual cenário da educação no DF. A estudante do CED 4 do Guará, Keissa Carvalho, de 16 anos, que mora na Estrutural, a cerca de 10 km de distância da sua escola, concorda com a avaliação da educadora. “Para resolver esse problema, tem que construir escolas onde os alunos moram. Assim, não precisamos sair do local onde moramos para ‘viajar’ para outro local distante pra estudar. É urgente construir escolas de ensino médio na minha periferia”, opinou. Que assim seja em todas as periferias do Brasil...



Foto (CEF 5 do Paranoá):  
adolescente participante de oficina  
de fotografia

## UM CASO NÃO EXEMPLAR

Victor Hugo Vieira Queiroz, 18 anos

Paranoá é uma das cidades do DF que está passando por uma intensa expansão urbana, especialmente devido ao condomínio residencial Paranoá Parque/Morar Bem, vinculado ao “Minha Casa, Minha Vida”, do governo federal. No planejamento desse projeto urbano está prevista a construção de diversas escolas, creches e outras instalações sociais garantidas pelo Estado, mas... tudo isso só acontece no papel.

De acordo com informações da organização Sociedade Vida e Natureza, 273 crianças e adolescentes estão fora da escola por falta de vagas no Paranoá. Além disso, existem crianças e adolescentes que ainda estudam nas cidades onde moravam antes de se mudarem para o condomínio, tendo que percorrer, diariamente, longos trajetos para conseguir estudar. “O governo pro-

meteu moradia, educação, saúde, transporte e comércio. Mas até agora só conseguiu entregar a moradia. Por isso, enfrentamos uma situação bastante grave na educação aqui, atualmente”, afirma a organização.

Também cabe destacar que, segundo dados publicados no Mapa do Paranoá Parque, disponível na Regional de Ensino daquela região, o local tem, hoje em dia, quinze escolas, mas o projeto Morar Bem prevê a construção de mais dez, sendo que apenas uma dessas dez escolas será de ensino médio.

Ou seja, além da falta generalizada de vagas, há um vácuo gigante entre a quantidade de vagas para o ensino fundamental e para o ensino médio. Desse modo, a impressão que dá é que o próprio governo já incorporou a evasão escolar na sua gestão. Fato grave e inaceitável.



# UMA SOCIEDADE POLARIZADA: COXINHAS OU PETRALHAS?

Carlos Gabriel Moura da Silva, 18 anos

Logo após as jornadas de manifestações de 2013, toda a nossa população começou a se questionar de que lado deveria estar. Hoje, estamos com as mesmas perguntas na cabeça, outra vez divididos por linhas políticas.

O processo de *impeachment* contra a presidenta Dilma Rousseff reafirmou ainda mais a binarização político-social em que vivemos. Numa sociedade reduzida a estereótipos, de um lado estariam os *coxinhas* de verde e amarelo; de outro, os *petralhas* de vermelho. Dois grupos confrontados, não de adversários, mas sim de inimigos. De um lado, a direita raivosa dos tucanos caçando o mandato da presidenta. Do outro, a esquerda defendendo seus ideais e desejos por uma sociedade igualitária. Não estamos caminhando para uma sociedade homogênea, mas para uma sociedade ainda mais polarizada. Essa divisão político-social acaba silenciando um debate extremamente necessário de transformações sociais e reduzindo a apenas duas a diversidade de posições que podem existir. Como sociedade, se quisermos que a democracia brasileira se fortaleça, devemos sair desse combate inamistoso de ideias confrontadas. Devemos construir críticas reflexivas juntos.

Precisamos conhecer o passado para construir o futuro.

Durante anos da nossa história, vivemos em tempos difíceis, em que a democracia esteve silenciada dentro de uma caixinha chamada "ditadura militar". Em 1º de abril de 1964, o dia que durou 21 anos, com o golpe aplicado contra o governo de João Goulart, os militares tomaram o poder. Foram tempos penosos, em que o nosso povo sofreu com o retrocesso dos direitos sociais em massa. Com o fim da ditadura militar, a democracia foi reconquistada. Por isso, precisamos conhecer esse passado sombrio para construir um futuro mais justo e igualitário. Hoje, vivemos em uma sociedade democrática, mas a tão sonhada e nova democracia está sendo ameaçada.

Hoje, após o *impeachment*, a direita acredita ser um alívio a tomada de poder. Dilma e seu governo foram acusados de fraudes fiscais supostamente cometidas no ano passado contra a Lei Orçamentária. Além de jurídico, dizem tratar-se de um processo acima de tudo político – incluem no processo o histórico do governo. Afirmam que Dilma sempre foi incapaz de fazer uma leitura inteligente do cenário político e que começou o seu segundo mandato frustrando expectativas da população, por causa da distância entre o prometido na campanha e sua prática no poder.

A esquerda afirma que o Brasil sofreu um golpe de Estado. Uma presidenta, eleita pelo povo, foi derrubada por um processo de leituras elásticas da Constituição e de artimanhas jurídicas de diversas matrizes. O então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, agora cassado, abriu o processo de *impeachment* contra a presidenta, alegando crime de responsabilidade (pergunto: pode um ex-deputado que se dizia contra a corrupção ter tantos processos por envolvimento em corrupção?). Eduardo Cunha e seus aliados derrubaram Dilma.

Toda essa divisão em nossa sociedade só trouxe mais confronto social e discórdia. A exclusão dessa possibilidade de diálogo aconteceu de tal forma que o antagonismo político agora gera medo, ódio e ressentimento social. O que podemos fazer para diminuir essa polarização? É urgentemente necessário que o debate seja feito de forma saudável, pois só assim alcançaremos plenamente a desejada democracia.

Como afirma a deputada federal Luiza Erundina, "o retrocesso em relação às conquistas das lutas dos brasileiros veio na forma de um governo golpista, cujo projeto tinha sido rejeitado nas urnas. Os sucessivos casos de corrupção e as constantes denúncias envolvendo a equipe e o próprio presidente interino agravam ainda mais a crise econômica e a credibilidade do nosso sistema político. É preciso atacar o problema em suas estruturas, radicalizar na defesa da democracia, lutar ao lado dos jovens, que nos fazem acreditar que podemos mudar o país com uma nova forma de fazer política. Temos que nos organizar de novo para enfrentar esse momento crítico".

Fica claro que a divisão de ideias e a radicalização das posições políticas apenas prejudicaram a sociedade brasileira, deixando em segundo plano temas importantíssimos, como a melhoria da qualidade de vida dos pobres, a eliminação das desigualdades de raça, a discriminação violenta contra os LGBTQTT. É fácil concluir que precisamos atualizar as regras do jogo. O debate dessas questões está acima dos egoísmos filosóficos pessoais. Os atores de posições ideológicas diferentes precisam conversar, deixar de lado as rusgas e passar a polir o diamante valioso da nossa gente.

Foto: Márcia Acioli

adolescentes

# cigan@s

Samara Sousa, 16 anos

Foto: Tiago Miotto

A entrevista desta edição da *Descolad@s* traz uma realidade desconhecida e cheia de riqueza: a do povo cigano. Apesar de ter pesquisado bastante antes do encontro com eles, eu estava com muitas dúvidas e não sabia como começar, pois não queria constrangê-los.

No início, a Samaritana Rocha dos Santos, que tod@s chamam de Samara, (13 anos) e o Kaique da Silva Rocha (16 anos) estavam muito tímidos. Daiane da Rocha, a mais velha, de 28 anos, é bastante comunicativa e interagiu bem conosco desde o começo da entrevista. Depois de uns dez minutos, o papo já estava fluindo muito mais e a prosa se tornou tão animada que as meninas até dançaram pra gente no final. E que dança linda e envolvente!

Nós queríamos saber como as pessoas os tratam, as diferenças de ser cigano e se são felizes do jeito que vivem. Descobrimos que os ciganos, apesar de serem tão divertidos e com tão alto astral, são um povo historicamente sofrido, que têm muito ainda a conquistar em relação aos seus direitos e, especialmente, que são um grande exemplo de luta e de amor um pelo outro e por suas raízes.

Chamou atenção o enorme esforço que eles fazem para estudar. O Kaique e a Samara são jovens que têm sonhos como qualquer um de nós. A Daiane se orgulha muito de poder matricular as filhas na escola e de ver a dedicação delas.

Noss@s entrevistad@s são parte do povo Calon e têm uma língua muito bonita, o Chibi. São extremamente festivos, gostam muito de cantar, dançar e de fazer tudo o que é característico da sua cultura.

Geralmente, de modo preconceituoso, nós nos questionamos: quem são eles? O que querem? Por que estão aqui? Mas será que, de verdade, queremos conhecê-los, estamos abertos para saber sobre o modo como vivem, aceitamos quem elas e eles são?

Para saberem o que a Samara, o Kaique e a Daiane pensam e dizem sobre tudo isso, mergulhem na entrevista e entreguem-se ao atraente universo d@s cigan@s.

**Descolad@s: Vocês poderiam falar sobre a trajetória de vida de vocês?**

**Samara:** Eu não sei onde eu nasci, mas eu sou candanga. Eu fui criada em Minas Gerais. Tinha uma escola lá para qual eu ia e descobriram que eu era cigana. Ninguém me chamava pelo nome, só falavam "ciganinha". Antes, eu pensava assim: se eles descobrissem que eu sou cigana, iam ter preconceito. Eu tinha medo que xingassem a gente. Já tinha muita gente lá que me chamava de "barraqueira", dizendo que cigano só sabe fazer barraco, que não queriam me aceitar naquela escola. Aí, a diretora falou que gostava muito de cigano, queria conhecer mais sobre mim, e foi isso.

**Kaique:** Eu sou mineiro, mas estudo e fui criado lá em Sobradinho.

*"Sei quem sou, conheço minhas origens"*



Foto: Marcia Acioli



Foto: Gabriel Vianna da Silva



Foto: Gabriel Vianna da Silva



Foto: Webert da Cruz

**Daiane:** Eu sou mineira também. Na verdade, na nossa comunidade Calon, todo mundo é família, é sobrinho, pai, irmão, mas praticamente cada um nasceu num local diferente. A gente conhece o Brasil todo. Não porque nós gostamos de estar mudando de um lado pro outro, mas porque nós sempre fomos obrigados. E é importante deixar claro que é a primeira vez que realmente todo mundo está na escola. Porque a gente nunca teve essa possibilidade, o governo nunca nos deixou parar pra estudar, sempre colocou a gente de um lado pro outro. Eu estudei até os meus 10 anos, mais ou menos, porque era coisa rara, cigano nem sabia dessa possibilidade de estudar. Quando eu estava completando quase 18 anos, foi que eu voltei a estudar. Eu fugi da minha família pra voltar a estudar, era meu sonho. Não era porque nossos pais não queriam dar educação pra gente, era porque os policiais, delegados, prefeitos ou administradores sempre nos expulsaram de onde a gente estava, sem mesmo nem saber quem a gente era.

E hoje a gente tá aqui em Brasília, pois a gente pensou assim: já que é a capital da lei, vamos pra lá. Já que botam tanto a gente pra correr pra um lado e pro outro, vamos ver o que dá. Pra quem antes vivia às margens da sociedade, dentro do mato, hoje já é grande coisa poder ver minhas duas filhas na escola. Antes, eu chegava para matricular elas e me falavam: 'não, você é cigana, vai sair daqui a pouco'. Hoje tem uma política pública que diz que, se eu quiser ficar um mês num lugar e

quiser matricular ela um mês em outro, eles têm que me aceitar, gostando de mim ou não. Então, fico muito feliz em ver eles todos na escola e ter essa oportunidade, hoje, de podermos, nós mesmos, falar sobre nós. Isso é muito importante.

**Descolad@s: Em relação à cultura cigana, o que vocês podem nos contar sobre a música, a dança e as comidas?**

**Daiane:** Tem algumas coisas que se fala na dança que tem a ver com nós. Tem uma música que fala: "eu sou cigano, do fogo e da terra" ... fala um pouco da nossa história.

**Descolad@s: E por que é que o fogo e a terra têm a ver com vocês, ciganos?**

**Daiane:** A dança cigana tem vários elementos. Por nós vivermos junto à natureza, no chão, a gente gosta disso, da natureza. Então, quando a gente tá dançando, a gente dança muito pros elementos da natureza, que são o ar, o fogo, a energia do fogo, o céu, que é o nosso teto.

A gente dança muito com saia, com as mãos, com o olhar e com o leque, com lenço, e cada um desses elementos tem um significado. Para cada movimento, a gente reverencia o sol, a lua, a noite. A gente agradece a Deus por cada uma dessas coisas. E quando a gente tá dançando também, a gente joga pensamentos positivos para todo mundo. É como se a gente estivesse abençoando a todos, entende? E quando a gente dança, as pessoas sentem isso. É uma forma de levar coisas boas pra todo mundo. É bem legal!

**Descolad@s: Tem um trecho de música que você queira falar pra gente, mesmo que você não queira cantar aqui? Uma partezinha...**

[Começaram a falar no dialeto deles. Risos no grupo].

**Daiane:** Isso que eu ia falar. A gente tem nosso dialeto. Então, lá dentro, a gente usa muito isso, principalmente para não deixar morrer, porque estava acabando. Antigamente, a gente já foi até proibido de falar nosso dialeto. E ele já foi criado por causa do preconceito, entende? Era um jeito de nos proteger.

**Descolad@s: Qual é o nome do dialeto?**

**Daiane:** Chibi. O que acontece... Nós somos originários de Índia, Portugal e Espanha, o cigano Calon. E se a gente chegar lá ou se chegar algum cigano de Portugal e vir falar na nossa língua, a gente entende de boa. Eu encontrei com uma família cigana de Portugal e a gente conseguiu se comunicar perfeitamente, eu fiquei muito feliz. Aqui no Brasil são três etnias: Cinti, Ron e Calon, que somos nós. Calon é que tem essas especificidades ciganas mesmo, expressão maior, que mora de barraca.

**Descolad@s: Você sabe dizer a população de cada uma dessas etnias?**

**Daiane:** A Calon é a expressão maior que existe aqui no Brasil, mas a gente foi pouco contado aqui, isso pra mim é muito triste. Quando contaram o cigano, foi pra matar. Quando teve o holocausto, mataram muito cigano em Portugal, em vários países. Por isso, hoje, muito cigano tem medo de ser contado. A maioria mora em casas, eles não moram em barracas por conta desse medo. Mas, na última pesquisa do IBGE, o número foi de 800 mil ciganos no Brasil. Acho que somos muito mais do que isso.

**Descolad@s: Kaique, pra você, o que é ser cigano?**

**Kaique:** É muito bom!

**Descolad@s: Além de tudo de bom, o que diferencia os ciganos dos outros povos?**

**Daiane:** Nós somos livres!

**Descolad@s: E para você, Samara, o que é ser cigano?**

**Samara:** É muito legal, porque é diferente dos que não são ciganos. A gente usa muita roupa colorida, alguns lenços, tipo esse bichinho assim [mostra adereços de cabelo]... Quando a gente dança, ele barulha e é muito bom. As roupas grandes, saia rodada, aquelas blusas de moeda também, e esse brinco aqui, por exemplo, a gente usa muito e é muito bom para essas danças aí.

**Descolad@s: E como é a história dessas roupas de moeda?**

**Daiane:** Na verdade, por a gente ter sido um povo muito mas-sacrado, era pra gente ser muito triste. Era pra gente já ter sido

extinto. Porque ninguém nunca nos ajudou, nunca teve aquela força de vontade de falar: 'Quem é o cigano? Vamos fazer alguma coisa por eles?'. É uma cultura. Nós somos patrimônio público brasileiro! Então, a gente merece esse respeito.

E se não fosse essa alegria que a gente tem, esse colorido das nossas vestes, das nossas músicas... então, a dança e as vestes, o balançadinho assim é mais pro lado da alegria mesmo, pra gente, sabe?

**Descolad@s: Os homens também usam roupas coloridas?**

**Daiane:** Usam também. Eles usam muitas botas e calças jeans, mas as camisetas são muito coloridas.

**Descolad@s: Vocês não têm contato com outros ciganos?**

**Daiane:** A gente tem contato. Como a gente é da Associação Nacional, a gente é procurado para conhecer como vive o cigano. A gente está fazendo o Estatuto do Cigano, a gente está tentando no Senado. Graças a Deus, o negro tem, o índio tem, o adolescente, o jovem, o idoso, todas as culturas têm, mas o cigano ainda não tem. Então, como viram que a gente tá lutando por esse direito, é que tá se tendo mais contato.

**Descolad@s: Agora, para os adolescentes: vocês já viveram algum tipo de preconceito?**

**Kaique:** Eu já. Um dia, eu estava lá no meu colégio, sumiu um celular. Aí, um homem, só porque eu estava na sala com um bocado de gente, falou que fui eu que roubei o celular dele.

**Samara:** Eu estudo no CEF 4 de Sobradinho. Comecei a frequentar essa escola no ano passado. Eu ia pra escola e não queria que ninguém descobrisse que eu era cigana, porque achava que eles tinham muito preconceito. Eu tinha medo de sofrer violência com eles. Depois, a professora de geografia descobriu que eu era cigana. Aí, eu: "Meu Deus, e agora?". Aí, a professora: "Não precisa ter medo, eu não tenho esse preconceito, não".

O professor de educação física também perguntou. Eu falei: "professor, bora falar em particular, que eu não quero que ninguém descubra isso, não". Ele perguntou como a gente vive, eu comecei a contar e ele disse que achava muito legal. Pedi pra ele não contar para ninguém, e ele disse pra eu não ter medo, que ele também não tinha preconceito.

Aí, minha mãe chegou à escola com uma saia colorida, e eu disse: "Mãe, essa saia tá muito chamativa, não acha, não?", e ela: "Eu sou cigana e não tô nem aí. Quero que eles descubram mesmo. O que tem usar saia colorida?". Fiquei com medo que descobrissem. Depois, uma menina da minha sala disse: "eu sei que você é cigana". Eu fiquei parada olhando pra ela. "Mas eu não tenho preconceito com vocês", ela falou. Aos poucos, os alunos da minha sala foram descobrindo, um por um, e hoje ninguém tem preconceito comigo.

**Descolad@s: Vimos vídeos em que as ciganas usavam dentes de ouro. Qual é o significado desses dentes de ouro para vocês?**

**Daiane:** Meu pai tem dentes de ouro de canto a canto. Antigamente, foi uma forma dos ciganos se protegerem do preconceito, porque os policiais entravam dentro dos nossos acampamentos e barracas. Agora, a gente conseguiu com que os policiais saibam que nossas barraquinhas, apesar de frágeis e humildes, são nossas casas, são nossos lares. Então, tem que ter respeito pra entrar. Os policiais entravam, me lembro pequenininha, batiam muito no meu pai, pegavam as armas deles, botavam ele de joelho, batiam, só por ser cigano, o sangue descia. E eu gritando, chorando, pedindo... Aí, os mais velhos derreteram o ouro que eles tinham e colocaram nos dentes das mulheres como capa, pensando: "não é possível que eles vão arrancar os dentes". Foi uma forma de se proteger. Os ciganos não tinham nem coragem de denunciar nunca, porque apanhavam muito e só faziam correr.

Por isso, a gente conseguiu essa terra, foi pra gente resgatar a cultura, para os nossos adolescentes, nossas crianças saberem quem somos, de ter esse tempo de mostrar quem somos para a sociedade também. Essa terra em que estamos é a primeira da América Latina para ciganos. É histórico! A gente está muito feliz. Foi esse o nosso pensamento, de conseguir a primeira para

Foto: Tiago Miotto



poder todo mundo ter oportunidade também de ter.

**Descolad@s: Então, o direito à terra e à moradia ainda não foi garantido para vocês?**

**Daiane:** Exatamente. Nunca nos foi colocado isso. Quem sabia disso nunca fez questão de falar que nós tínhamos. Temos direito a território. Nós sempre usamos os espaços para dar tempo para as crianças comerem, tomarem banho, descansarem um pouco. Sempre foi assim, inclusive antes de conseguirmos essa área. Para não sermos colocados para fora, os nossos irmãos indígenas nos acolheram.

**Descolad@s: Qual é a religião de vocês?**

**Daiane:** As pessoas pensam que nós somos uma religião. Quando eu estou em algum evento, dançando ou dando entrevista em algum local, as pessoas falam: "ô, cigana, lê minha mão". Outros me dão flor, pedras... Eles pensam que eu sou uma entidade, e eu não sou. Eu respeito quem tem a cigana como uma entidade. Mas eu não sou entidade, eu sou a própria cigana. Não somos religião, somos cultura e, dentro da nossa cultura, a gente pode escolher qual religião a gente quiser. Eu, cigana, sou evangélica. Meu pastor tem que me aceitar. Se ele não me aceitar, é com ele e Deus. Eu vou do jeito que eu quero me vestir, não é porque eu sou batizada na Igreja Evangélica que eu tenho que me vestir como eles, como a doutrina quer. Eu vou lá porque é meu momento com Deus. Tem gente lá que lê mão, outros que leem cartas, outros que são evangélicos, outros católicos.

**Descolad@s: E de onde vem essa tradição de ler mão e carta?**

**Daiane:** É como se fosse um jeito que Deus nos deu para nos proteger do que já vinha lá na frente. Eu não leio mão, mas a gente pressente. A gente tem um pensamento de que vai acontecer alguma coisa.

**Descolad@s: E o casamento pra vocês? Como funciona? Pode falar de namoro também.**

**Daiane:** Mas é para falar a verdade, porque para os homens sempre é bom...

**Kaique:** O negócio do casamento é bom para o cigano. Eu não posso namorar. Eu tenho que primeiro casar, para depois a gente ir lá e se conhecer.

Daiane: Esse é o problema. A maioria é casado com primo. Primo de primeiro grau, já por conta dessa problemática. Antigamente, era até pior, porque eram os pais que escolhiam. Por exemplo: eu fui prometida para o meu primo quando eu era pequenininha. Minha mãe trabalhava e a mãe dele estava grávida. Aí, já por consideração de compadre, falava: "meu filho vai casar com sua filha". Então, era pior do que hoje, porque hoje pelo menos a moça pode casar, falando para o rapaz: "olha, vai lá e pede". Ou a mãe dele fala: "Vocês dois se gostaram? Então, tá bom. Vamos pedir para os pais de vocês".



Foto: Gabriel Vianna da Silva



Foto: Ana Flávia Flôres

**Descolad@s:** Como é a festa do casamento?

**Daiane:** A festa é muito linda! São cinco dias de festa! Tem a roda de honra, tem que “mostrar a moça”. Por isso, não existe namoro. No dia também tem que trocar o nome da moça. A madrinha e a mãe trazem a camisola dela mostrando as três marcas de sangue. Tem que mostrar o nome da moça e, como ela é a honra da família, eles têm como se fosse uma bandeira. O problema é esse, porque a gente descobriu também que muitas mulheres ciganas foram chamadas de coisas que elas não eram, porque não sangraram. E elas nem podiam se justificar, porque nem elas mesmas sabiam. Hoje, não: a gente está conseguindo levar as mulheres ao ginecologista, explicar.

**Descolad@s:** Em relação ao casamento, é aceitável um cigano casar com um não cigano?

**Daiane:** Antigamente, jamais podia, porque do mesmo jeito que existia um preconceito do não cigano para o cigano, existia o preconceito do cigano com o não cigano, por tanto ter sofrido na mão de pessoas não ciganas. A partir disso, quando se casa, o esposo é que escolhe o lugar onde a mulher vai morar, porque sempre os homens têm a última palavra. Claro que a gente não segue, né? Dá um jeitinho. Hoje já existem ciganas com não ciganos e ciganos com não ciganas.

**Descolad@s:** E como é o tratamento dentro de casa? É a mulher quem faz tudo ou o homem pode ajudar na louça, fazer comida?

**Daiane:** Então, como em toda cultura, existe esse machismo de a mulher fazer. Não é diferente na cultura cigana, acho que é um pouco pior. Quando um quer fazer, eu já percebo que os outros ficam tipo: “Tá ficando doido? Fazendo serviço de mulher agora?”. E, aí, o que está querendo ajudar fica meio sem graça. É como se estivesse quebrando a honra dele também. É raro um cigano ajudar em casa.

**Descolad@s:** Pegando carona nessa conversa, queremos saber sobre a homossexualidade. Existe alguma rejeição, acolhimento?

**Kaique:** Não é problema, não. É tranquilo.

**Daiane:** É tranquilo, por incrível que pareça.

**Samara:** Eu nunca procurei saber se menina com menino ou menino com menino é aceito

lá no acampamento.

**Descolad@s:** Mas, se acontecer, você acha que seu povo vai acolher e tratar bem ou vai xingar e machucar?

**Samara:** No meu pensamento, eu acho que vai ser expulso do acampamento, porque eu acho que não é aceito. Mas nós não partimos para a violência. Quem não é cigano, a gente aceita como amigo.

**Daiane:** A gente sabe que existe o preconceito. Agora que está tendo essa ideia aberta de poder mostrar: “Eu sou mesmo [homossexual], com muita luta e preconceito, passando por muita coisa”. Tem uma cigana que fica vestida de homem, isso é histórico para nós, porque nenhuma teve coragem de fazer isso. E esse nosso primo, que não mora dentro do acampamento, ele sofreu bastante, demais da conta! E ele sempre segurou a onda. Eu falo para ele: “Você fez história”. Está dando força para pessoas que realmente têm vontade de falar, assumir [sua sexualidade]. Hoje ele é muito bem recebido.

**Descolad@s:** Como é que vocês aprendem a cultura cigana, as tradições?

**Samara:** Quando eu morava lá em Minas Gerais, eu não sabia que nós tínhamos essas roupas assim, muito coloridas, nossa língua. Minha mãe falava pouco. Daí, eu fui aprendendo de pouquinho em pouquinho. Depois que entrei no acampamento, descobri que lá tinha muitas roupas coloridas, que nós dançamos, que não tinha preconceito e eu gostei muito de ficar lá. Comecei a usar muita roupa colorida. Depois, fui convidada para dançar e foi a maior felicidade, porque ninguém tinha preconceito e todo mundo achou legal nossa dança.

**Kaique:** A hora que o pessoal grande vai falando as coisas, os pequenos já entendem sobre a tradição dos ciganos. Aí, nós aprendemos com eles um pouco.

**Descolad@s:** Quando não tinha escola, os pais ensinavam. Os pais de vocês ensinam a ler e escrever e o resto da cultura?

**Daiane:** Toda noite, a gente tem o fogo de lenha e os mais velhos sentam, contam histórias. Não podiam ir à escola. Então, eles aprenderam lendo a Bíblia. O irmão mais velho ensinava o outro. Na cultura também.

**Descolad@s:** E essas fogueiras ainda acontecem à noite? Ainda se contam as histórias?

**Samara:** O meu pai pegou umas pedras lá de cimento. Colocou duas de um lado e duas do outro. Os ciganos são acostumados a acordar muito cedo. Minha avó, mãe da minha mãe, fica contando as histórias do passado, como era, o que era engraçado.

**Daiane:** E vai contando histórias e entra a noite e a manhã. É um momento único! Nessas oportunidades é que a gente vê a riqueza das nossas histórias e aprende muito, porque eles contam cada coisa que a gente fala: 'Então, nós estamos no céu hoje', porque eles passaram por muita coisa para a gente conseguir chegar até aqui.

**Descolad@s:** O povo se vê reconhecido como uma comunidade nômade, que não tem residência fixa?

**Daiane:** As pessoas nos conhecem assim, com essa cara. Quando falam cigano (inclusive, existe até piada), quando se está viajando muito, falam que estão igual a cigano. Existe muito isso. Vocês acham que devemos ser conhecidos como nômades?

**Samara:** Eu acho que devemos ser reconhecidos como ciganos.

**Daiane:** Eu não gosto de ser reconhecida como nômade. As pessoas pensam que a gente é nômade por conta da cultura, e não é. Nós sempre fomos obrigados, expulsos, inclusive a gente já fez tanta cama até em cima de cobra, no escuro. Forrava a cama e vinham os policiais: "Todo mundo levantando". Minha mãe fazendo comida no chão, na pedra, tinha que pegar as panelas quentes, porque os policiais diziam: "Podem sair daqui, podem ir embora da cidade". Então, a gente não é nômade porque quer, mas porque a gente foi sempre obrigado. Eu prefiro que, quando falar a palavra nômade, fala que foi uma questão obrigatória e não da cultura.

**Descolad@s:** Por vocês serem obrigados a mudar, tem alguma história que marcou vocês?

**Daiane:** Demais! Quantas vezes a gente chegava aos locais... Era quando a gente precisava muito e meu pai, às vezes, tinha que omitir que era cigano para conseguir trabalho. Quando conseguia, a gente ficava com a maior alegria, sabendo que ia poder comprar umas coisas, porque poderia viver em paz. Mas aí, de repente, só de saber que a gente era cigano, aparecia alguém: "Olha, vocês têm que sair daqui. A sociedade não aceita. O prefeito mandou vocês saírem", e as crianças chorando.

O que mais me marcou foi ver minhas irmãs com fome, na beira do fogo, esperando aquela comida, porque a gente tinha acabado de acampar, com fome, e a polícia vinha. Nunca vou me esquecer disso. Eles colocaram a panela no carro e a gente disse: "Deixa a gente pelo menos comer?". "Que comer que nada! Vocês têm que ser extintos! Vocês tinham que ir para fora do Brasil!". Eu nunca vou esquecer isso: elas com fome, chorando, meu pai implorando e eles com aquelas armas batendo na cabeça dele, e ele dizendo: "Por que eu estou apanhando?". E eles: "Porque você é cigano".

**Descolad@s:** Tem gente que fala que cigano trabalha lendo mão, carta, essas coisas. Tem alguém que trabalha assim?

**Daiane:** Tem um pessoal que lê, mas a nossa principal fonte de renda mesmo, se for para realmente enriquecer nossa cultura e levar nossa cultura avante, é ter cursos na nossa própria área. Nosso sonho é esse. Conseguir a terra era o principal e nós conseguimos. O nosso sonho agora é a gente ser valorizado pelo que a gente faz, que é a dança, a música, o artesanato, a costura das roupas. Eu imagino todas as mulheres fazendo roupas para vender, a questão da dança, da música, do artesanato... Porque a gente acaba fugindo da nossa área e acaba morrendo nossa cultura. Quando eu fui trabalhar num salão de beleza, eu tive que omitir. Falei que não era cigana. Depois de um ano e meio que resolvi contar, porque eu não aguentava mais. A minha patroa olhou para mim e falou que, se soubesse antes, não tinha me contratado, mas também teria perdido uma ótima profissional.

**Descolad@s:** Vocês já assistiram filmes, desenhos animados, novelas... que mostram ciganos de um jeito diferente da realidade?

**Daiane:** Eu já. Quando é a hora da gente retratar, que é a oportunidade de mostrar a realidade do que, de fato, é, não acontece. Acontece muito isso, de mostrar o que não é. É muita fantasia, sabe? Fantasias que não são realidades nossas.

**Descolad@s:** E quanto aos ciganos famosos?

**Daiane:** Pois é, sabemos que nosso ex-presidente, Juscelino Kubitschek, era cigano de sangue e, para nós, seria importante que a família dele assumisse. Eles fogem muito. Tem alguns livros que contam a realidade. Ele era da etnia Rom, cigano legítimo.



**Descolad@s:** Há uma imagem dos ciganos de muita festa, fogueira, acampamento. E, por outro lado, vocês foram expulsos, oprimidos. De onde vem essa força para manter esse espírito tão ativo?

**Daiane:** Essa forma já é uma forma de não deixar nunca nos abater. A gente foi criado assim. O que a gente pode fazer? Vamos dançar, vamos mostrar que nós somos felizes. Se a gente demonstrar a tristeza, é pior. Se a gente dançar e cantar, apesar da tristeza, a gente é mais forte do que ela. É um jeito da gente conseguir realmente vencer.

**Samara:** A gente tem que dançar, mostrar que a gente é feliz. Então, a dança é muito boa, mexe muito com a mão, com a saia, com o sorriso. A música parece que tem alegria nela, e tem. E a música representa alegria.

**Descolad@s:** Estamos num momento político muito difícil. O que essas mudanças, especialmente na Secretaria de Políticas de Promoção à Igualdade Racial (Seppir), que envolvia também a questão dos ciganos, têm de significado para vocês?

**Daiane:** Isso mexeu demais com a gente! Só um exemplo para vocês verem: em 2007, foi decretado o Dia Nacional do Cigano. Querendo ou não, foi a partir do governo Lula que nós tivemos essa visibilidade. Conquistamos mais respeito e, a partir disso, conseguimos algum tipo de política pública, com oportunidade de voz. A partir daí que conseguimos nossa terra. A Seppir, que ia colaborar com toda a estrutura, agora fechou. Estamos sem a parceria que ia liberar a questão da alimentação.

**Descolad@s:** Em algum momento das suas vidas, vocês já tiveram vergonha de ser ciganos pelo fato de a sociedade não aceitar?

**Daiane:** A última vez que fiz isso foi nesse salão. Eu estava com 21 anos e prometi para mim mesma que nunca mais iria fazer isso, porque tenho que ter orgulho de quem eu sou. Se eu não tiver, quem é que vai ter? E eu só fiz isso porque eu estava precisando do trabalho, estava sem ninguém, sozinha, sem minha família. Um ano e meio depois, eu explodi e disse: "Sou cigana". Continuei trabalhando lá, porque ela me conhecia. Nunca mais vou fazer isso, porque eu tenho orgulho das minhas origens. Eu sei quem eu sou.

**Descolad@s:** Por você ter trabalhado escondendo que era cigana, você teve que mudar seu jeito de se vestir?

**Daiane:** Claro! Por isso minha preocupação de trabalhar fora, porque eu vou ter que me vestir como manda o figurino. Eu acho muito legal a Samara querer ser desembargadora e o Kaique querer ser policial. Minha filha fala que quer ser juíza. Existem ciganos juizes, delegados, mas eles não assumem. Por preconceito, eles têm medo. Mas eu acho importante. A gente tem que mostrar que também é capaz.

**Descolad@s:** Os indígenas têm direito, por lei, a uma educação diferenciada, justamente por terem uma cultura diferente. Os ciganos também têm?

**Daiane:** Os indígenas têm mais força, mas os ciganos também têm direito. Ensinam mais com esse cuidado da especificidade que nós temos. Dentro do nosso acampamento tem uma escola exatamente por isso.

**Descolad@s:** Você acha importante ter uma escola só para ciganos ou seria melhor que os ciganos estudassem em escolas em que nós, não cigan@s, estudamos?

**Daiane:** Eu acho importante eles estarem inseridos juntos para não ter essa divisão. Mas também acho importante que tenha isso aqui [Descolad@s] dentro da escola, que tenha livros, revistas, que tenha a história dentro do próprio livro didático que todos os alunos vão ter acesso. Se eles não conhecerem a cultura cigana, vai existir esse preconceito.

Foto: Webert da Cruz

# Pra NUNCA mais dizer!!!

Iana Mallmann, 20 anos  
Lucas Daniel, 21 anos

## “JÁ PODE CASAR”

Que menina nunca ouviu isso após ter cozinhado algo gostoso ou limpado a casa? Esta expressão carrega o estereótipo da “mulher pra casar”, que cozinha, limpa, cuida da casa, do marido e dos filhos. Essa classificação expressa machismo também por determinar à mulher a obrigação de casar. A mulher precisa de requisitos para poder casar? Aliás, a mulher precisa mesmo casar?

## “PROGRAMA DE ÍNDIO”

Expressão utilizada geralmente quando as pessoas vão fazer uma trilha, uma caminhada num parque, uma ida ao zoológico ou um programa ao ar livre, mas de modo negativo. Ou, mais recentemente, também para significar um programa desconfortável, uma “furada” ou uma “roubada”. Existem 305 povos indígenas no Brasil, com modos de vida bastante diversos. Então, não é legal restringir povos e suas ricas culturas apenas à fauna e à flora, pois não podemos ignorar as línguas, os costumes e os valores de cada povo. Além disso, este termo relaciona os indígenas a ações negativas!

## “BONITA DE ROSTO”

Mas que tipo de “elogio” é esse? O padrão de beleza estampado nas revistas ou na TV afirma que a beleza é branca e magra. Usar expressões como “ela tem o rosto tão bonito, se emagrecer vai ficar linda” ou “ela é bonita para uma negra” é totalmente preconceituoso. Não vamos nos limitar a um padrão, pois a diversidade é o que há de mais belo.

## “COISA DE POBRE”

Essa será provavelmente a expressão mais elitista que você irá ler nesta seção. Qual é a necessidade de determinar o que é “coisa de pobre” e o que é “coisa de rico”? E por que relacionar “coisa de pobre” com algo ruim? O que é roupa/comida/jeito “de pobre”? As pessoas devem ser livres para ser e usar o que quiserem. Bora deixar as pessoas se sentirem bem do jeito que elas são..!

## “MULHER TEM QUE SE DAR VALOR”

Desde quando as mulheres têm etiquetas com preços que variam de acordo com o que usam ou agem? Ninguém deve ser classificado dessa forma. Todos nós temos direito à liberdade e mulheres que usam batom vermelho, roupa curta ou que ficam com vários ou várias na balada estão exercendo o seu direito e não temos nada a ver com isso.

Já pensou no poder que cada palavra, cada expressão carrega? Muitas vezes, a gente não percebe, nem sabe, mas elas escondem vários preconceitos que acabamos reforçando simplesmente pela força do hábito. O problema é que, agindo assim, perpetuamos práticas e ideias que desrespeitam e ofendem pessoas, raças e povos. Que tal prestar mais atenção no que você fala e não mais papaguear expressões racistas, machistas e preconceituosas?

## “SEJA HOMEM”

Ninguém merece essa “coisa” de determinados papéis para cada gênero, né? Só quem pode determinar o que é ser homem e o que é ser mulher é a própria pessoa, o que não depende do que ela/ele gosta, de como age ou de como se veste. E essa crença de que “homem não chora” ou “chorar é coisa de mulherzinha”? Todos nós temos lágrimas, gente!! Pode chorar, sim!

## “RETARDADO”

Muito usado como xingamento para pessoas “lerdas” ou “burras”. Muitas vezes, de modo pejorativo, este termo é relacionado com pessoas com deficiência. Se você acha que essas palavras são sinônimos, tenho o prazer de dizer que você está enganado, pois pessoas com deficiência são tão inteligentes quanto você.

## “NÃO SOU TUAS NEGAS”

Essa expressão passa a ideia de que, com as mulheres negras, pode se fazer o que quiser!

## “ISSO É VIADAGEM”

Por trás dessa palavra está a ideia de que ser gay é ser fresco e, pra piorar, inferior.

## “DIA DE BRANCO”

Sinônimo de “dia de trabalho”, esta expressão traz a ideia de que os negros e indígenas são preguiçosos, fazem “corpo mole”, são malandros e não se esforçam.

## “TRAVECO”

O sufixo “eco” é usado para inferiorizar e subjugar. Portanto, não fale isso, pois travesti não é bagunça!

## “GORDICE”

Essa palavra é megaofensiva, já que está sempre associando pessoas gordas à comida, ou seja, reforçando um estereótipo negativo sobre elas.

## “FEMINAZI”

Além de expressar total desconhecimento sobre o que é feminismo, esta expressão ainda desvaloriza a luta de milhares de feministas pelo mundo (inclusive das feministas judias).

## “JUDIAR”

Esta expressão, amplamente utilizada com o sentido de maltratar, torturar e fazer sofrer, é considerada antissemita (contra os judeus) por dois motivos, opostos, mas ambos preconceituosos: 1 – relacionar, historicamente, este povo à autoria de maldades; 2 – significa “maltratar um judeu” ou “tratar mal alguém como se trata mal um judeu”.

## “FALA MAIS QUE MULHER”

O que não falta é piadinha machista que, além de reforçar o estereótipo de que mulher fala demais, ainda diminui e ridiculariza as falas femininas na sociedade. A voz da mulher é importante e deve ser ouvida e respeitada.

## “DENEGRIR”

Associada à difamação, esta expressão é pejorativa porque o real significado de denegrir é “tornar negro”. Se tornar algo negro é maldoso ou ruim, temos mais um grave caso de racismo.

# Deu Match!!!\*

Liss Costa, 17 anos  
Vinícius S. Moreira, 21 anos



“Olá! Muito prazer! Eu sou um aplicativo de relacionamentos. Estou em vários países, em diversas línguas e disponível para os mais variados gêneros e orientações sexuais. Fui feito para aproximar as pessoas, fazendo com que se relacionem de inúmeras formas: longas amizades, paqueras leves, intensas paixões, bons papos ou apenas um sexo casual. Entrar em um aplicativo de relacionamento, como eu, é muito interessante e curioso. A diversidade de pessoas, gostos e pensamentos torna meu universo bastante tentador e prazeroso”.

**B**rincadeiras à parte, os aplicativos de relacionamentos são, sim, uma revolução. Vieram para quebrar os paradigmas das relações sociais. E são inúmeras as experiências que eles proporcionam para uma variedade enorme de perfis. Vejamos...

Eu, por exemplo, adoooro quando ele me chama no privado. Minhas expectativas aumentam ainda mais. Será que ele quer me conhecer pra tentar um relacionamento sério ou só um “fica”? Caracaaa, ele tá escrevendo!!! Meu coração dispara a mil... por uma simples mensagem de alguém que não conheço bem, mas a sensação é tão gostosa! Será que ele tá gostando de mim? O papo tá tão bom... Se continuar assim, podemos nos conhecer melhor e marcar de se encontrar.

Alice, uma menina no interior de Minas Gerais, conheceu um cara do Rio, um tal de Pedro. Eles estão numa paquera há meses. Pelo jeito, vai ficar nessa, só virtual... Mas quem sabe um dia eles resolvam se encontrar pessoalmente? De qualquer jeito, para eles já tá bacana assim essa amizade colorida à distância. Eles têm um clima legal, uma energia boa um com o outro, alguém pra conversar todos os dias, compartilhar a rotina, as coisas legais, os problemas e tudo o mais.

Para algumas pessoas, é mais fácil encontrar alguém nesses aplicativos, porque se soltam mais. Ana é um exemplo. Ela é muito tímida, não consegue nem olhar nos olhos de quem está conversando, mas no aplicativo... a garota se solta, e como! Ela sabe se expressar melhor e isso mostra como os aplicativos podem ajudar algumas pessoas a se relacionar.

Outras acham interessante essa parte mais misteriosa. Qual é a intenção dela/dele? O que ela/ele achou de mim? Será que vai acontecer algo a mais? O flerte é uma parte importante no processo. O jogo de sedução é uma boa “armadilha” para as/os que querem ir além do bate-papo.

Tiago resolveu entrar em um aplicativo gay para encontrar o parceiro ideal. De cara, na sua descrição, espaço onde ele pode colocar gostos, personalidades e hobbies, ele escreveu em letras enormes um “FORA, TEMER!”, excluindo os possíveis candidatos que tivessem uma posição política contrária à sua. Mais direto, impossível...

Mas há quem julgue que os aplicativos de relacionamentos vieram para acabar com o romantismo e tornar o amor e a paquera mais

uma mercadoria, como se as pessoas estivessem escolhendo qual é a melhor fruta da prateleira. Bem, nesse caso, é só não utilizar os aplicativos, né?!

De qualquer modo, é preciso ter alguns cuidados, pois na internet rola, por exemplo, de vazarem fotos de adolescentes que as enviaram para um parceiro de confiança. Em alguns casos, o sujeito simplesmente quebra não somente a confiança, mas também o conforto da menina que tem sua intimidade invadida. Infelizmente, esse ato machista acontece com crescente frequência.

## AQUI VÃO ALGUMAS DICAS DE COMO SE DAR BEM COM ESSES APLICATIVOS:

Seja verdadeira/o, fale de seus gostos, hobbies e, principalmente, a sua idade e coloque fotos recentes. Seja descontraída/o, mas sem fake, miga.



Cuidado com suas fotos: elas podem ser expostas. Miga, não mande!! Não crie muita expectativa em relação às fotos das/os possíveis parceiras/os. Hoje em dia, todo mundo sabe mexer no Photoshop. Fica a dica!



Não mande um “oi” para iniciar a conversa. Joga logo um “FORA, TEMER!”, que você vai ter muito mais chance.



E o mais importante: se o papo for além da tela do celular, dê uma pesquisada na internet sobre esta pessoa. Marque encontros em locais públicos e movimentados e SEMPRE avise uma outra pessoa. Mas procure fazer isso somente quando achar que já conhece bem a paquera. Nunca se sabe, miga...

Divirta-se com cuidado, atenção e MUITO PRAZER...

*Esta é uma obra de ficção e os depoimentos aqui não são, necessariamente, reais... embora sejam constantemente ouvidos por aí.*

\*Alguns dos significados da palavra inglesa *match* são: corresponder, combinar, igualar, casar, igual, equivalente. No título, a expressão “dar *match*” significa que duas pessoas curtiram e aprovaram o perfil um/a d@ outr@. A partir daí o aplicativo possibilita a conversa entre elas.



Foto: One Dollar Photo



Tem que ser marinho  
Porque, além de me iluminar,  
Me ensina o meu caminho.

Kauã Alves, 18 anos

menti que é verdade  
que minto mentira  
só eu se  
verdade  
você hoje me erra  
eu ontem me errei  
perto de você  
qualquer verdade é mentira  
e essa mentira é verdade

Luiza Midlej, 16 anos

tenho desandado tanto  
que meus pés estão cansados  
e, por ser silêncio,  
estou rouca  
já não sei se o vento faz a curva  
se torno, se retorno  
ou se tornado  
quem sabe trovão  
tempestade  
tudo sempre acaba em saudade

Luiza Midlej, 16 anos

Vai, invade e tira aqueles ratos pra fora.  
Tire os ratos de onde o povo foi tirado.  
Tire os ratos de onde o povo deveria estar.  
Apenas tome cuidado, pois o lugar está imundo.  
Cheio de dinheiro sujo, o dinheiro de milhares de pobres.  
E esse dinheiro sujo está manchado de sangue  
Sangue que causou a morte de milhares de pessoas  
em hospitais,  
Sangue que matou milhares de jovens que estavam na  
rua em vez de estar na escola.  
E por que estes não estavam na escola?  
Porque não tinha escolas e as poucas que tinham  
faltava professor  
faltava merenda  
faltava qualidade.  
Então, meu irmão, vai e invade mesmo.  
Tira aqueles ratos para fora, eles estão  
sujando nosso país.

Ana Vitória Slavica Radic, 20 anos

Eu me vi em você  
Assim, à mercê do viver  
sem ver o mundo acontecer  
O futuro já chegou  
voou feito pássaro  
que foge do abraço  
de seu lar engaiolado  
Me assustei ao perceber  
que nunca pertenci  
a esse lugar  
estou a viajar  
esperando o fim chegar  
E o fim é só o início  
o outro lado do abismo  
que é o ser  
serei não só o princípio  
como também o caminho  
e o fim do precipício  
que é lidar com o próprio ser.

Thais Oliveira

os que fotografam minh'alma  
me encontro neles  
te encontro em mim  
e nos perdemos juntas  
teus lábios macios  
me beija  
me deixa  
cada vez mais encantada  
o teu encanto encanta  
até o meu canto desafinado  
e te encontro  
em cada canto de cada coisa  
te faço poesia  
leio, trago-a pra mim  
assim sem cigarro  
mas ainda sim: viciante

Thais Oliveira

# É NECESSÁRIO PEDIR LICENÇA

Serena Rodrigues, 18 anos

Em abril de 2016, o Projeto de Emenda Constitucional (PEC) 65/2012 foi aprovado na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado (CCJ). Essa aprovação causou um grande rebuliço nos movimentos sociais e ambientais, por trazer à tona um importante e recorrente tema: ameaças ao licenciamento ambiental. No Brasil, o licenciamento ambiental é um tipo de autorização prévia necessária para atividades ou empreendimentos que têm potencial de poluir os recursos naturais ou causar degradação no meio ambiente. Ela é concedida pelos órgãos estaduais de meio ambiente mediante estudos ambientais e socioeconômicos que atestam que a obra referente se adequa à legislação vigente. Quando os empreendimentos são muito grandes e os impactos envolvem mais de um estado, o responsável pelo licenciamento é o Ibama, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Atualmente, o licenciamento ambiental é feito em três fases: com a licença prévia, a licença de instalação e a licen-

ça de operação (veja quadro). Durante esses processos, a lei diz que devem ser feitos vários estudos técnicos e consultas às populações do local em questão, que podem até mesmo alterar o projeto original ou impedir a sua construção. Além disso, periodicamente são feitas vistorias para garantir a continuidade do processo. O licenciamento ambiental é necessário e, se fosse cumprido rigorosamente, evitaria o acontecimento de severas tragédias, como o rompimento da barragem da mineradora Samarco, em Mariana (MG), ocorrido em novembro de 2015. Neste caso, a negligência nas revisões e vistorias causou danos irreparáveis aos moradores e ao ecossistema da região. Desse modo, o licenciamento ambiental tem um papel importantíssimo na garantia dos direitos fundamentais previstos pela Constituição Federal, em seu Art. 225, que grafa: "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletivi-

dade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações". Mas, apesar do que diz a Constituição, o que se verifica, na prática, é que a execução do licenciamento ambiental se apresenta precarizada devido a fatores como a corrupção, a escassez de servidores nos órgãos responsáveis pela realização dos estudos anteriores ao licenciamento, por sua concessão, pelo acompanhamento e pela fiscalização das obras, além da falta de recursos orçamentários para garantir o próprio funcionamento desses órgãos. Essa precarização, em si, que já é um grande problema a ser resolvido, acaba por fornecer argumentos àqueles que têm a ganhar com o desrespeito à boa gestão do meio ambiente e dos recursos naturais. Empreendedores e políticos tecem severas críticas ao alongado tempo de espera por uma licença, assim como aos custos daí advindos, e consideram o licenciamento, no mais das vezes, um "estorvo" ao andamento das obras, um "entrave" ao desenvolvimento regional ou nacional. Esse chamado "desenvolvimento", que – além de devas-

tar o meio ambiente – atropela os direitos de diversas comunidades tradicionais e dos povos indígenas, representa um prejuízo tanto ambiental quanto social enorme. Esses povos mantêm há tempos uma relação própria e singular com o meio em que vivem e suas opiniões devem ser consultadas e levadas em consideração. Atualmente, existem projetos que objetivam promover um outro tipo de desenvolvimento, aquele que leva em consideração, de fato, as questões socioambientais de modo mais abrangente. As hidrelétricas no Rio Tapajós, por exemplo, cuja construção, se for efetivada, trará grandes prejuízos à população e ao ecossistema da região, poderiam ser substituídas por outros modelos de energia, como a eólica ou a solar, em outras regiões. Claro que não basta mudar apenas o tipo de energia. É necessário que se mude todo o modelo energético, da produção à distribuição. Ou seja, não adianta produzir energia eólica do mesmo modo opressor e concentrado com o qual se produz atualmente a energia hidrelétrica, sem a consulta às comunidades, por exemplo. Mas essas possibilidades e potencialidades são ignoradas pelo governo, por falta de interesse político e econômico. O que deixa claro que a intenção de reduzir o

tempo demandado para o licenciamento ambiental é puramente mercenária e fundamentada apenas no lucro de alguns, em detrimento do interesse da maioria. Para piorar ainda mais esta dramática situação, já no encerramento de 2016, foi colocado em pauta, na Câmara dos Deputados, o PL 3.729/2004, que, na prática, significa o "autolicensing" ambiental. Especialmente o texto do deputado Mauro Pereira (PMDB-RS), defendido pela bancada ruralista, com o apoio do governo comandado por Michel Temer, propõe que cada estado poderá definir quais são os critérios para exigir ou não o licenciamento ambiental de empreendimentos. Além disso, o texto também permite o controverso modelo de licenciamento por "adesão e compromisso", ou seja, neste modelo, as empresas recebem o licenciamento quando preenchem um formulário on-line, apenas, sem que haja qualquer intervenção ou análise dos órgãos regulatórios estatais. É, portanto, urgente, a mobilização popular em prol da execução e do respeito à legislação vigente, em busca de garantir uma relação ecologicamente sustentável e socialmente correta com a natureza. O meio ambiente, definido como o "conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em

todas as suas formas" pela Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), é uma construção de milhões de anos da natureza e, uma vez destruído, não pode ser reestabelecido em poucas dezenas de anos pela ação humana. A defesa do licenciamento ambiental nada mais é do que a defesa de um meio ambiente ecologicamente equilibrado nos tempos que virão. Seu fim é um enorme retrocesso, que pode resultar numa degradação muito mais rápida da natureza ou até na sua destruição. Por isso, nós, jovens, devemos lutar para que o licenciamento ambiental seja melhorado e para que ele seja efetivamente cumprido e não podemos permitir nenhuma retirada de direitos ambientais. Afinal, o direito ao meio ambiente também é nosso. As etapas do licenciamento Licença prévia: é concedida na fase inicial do planejamento da obra. A partir de análises de impacto ambiental, são estabelecidas as condicionantes, que devem ser cumpridas antes das próximas fases do licenciamento. Licença de instalação: autoriza o início das obras de implantação do projeto, desde que as condicionantes tenham sido cumpridas. Licença de operação: autoriza o início das operações do empreendimento, após a verificação de que as condicionantes das licenças anteriores foram devidamente cumpridas.

# MONOPÓLIO DA MÍDIA E DO PENSAMENTO

Maria Castanho Ansarah, 17 anos  
Victor Hugo Vieira Queiroz, 18 anos

O poder e a influência da mídia sobre as nossas sociedades são tão grandes, atualmente, que ela passou a ser chamada, por alguns estudiosos, de Quarto Poder, em uma referência aos Três Poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) dos países democráticos. No entanto, no Brasil, de democrático esse Quarto Poder não tem nada. Como é possível que os meios de comunicação tenham alcançado tamanha importância? E para quem a mídia, de fato, trabalha? Para tentar responder a estas e outras questões, propomos um “mergulho” no universo das comunicações no Brasil.

Mídia é qualquer meio por intermédio do qual é possível divulgar informações. Até há poucos anos, antes do surgimento da internet e das redes sociais, a ampla propagação de informações acontecia quase que exclusivamente pelos meios de comunicação convencionais, como jornais, revistas, rádios e TVs. Esses meios de comunicação de massa também são chamados de mídia.

No Brasil existem três tipos de sistema de comunicação: o estatal, o público e o privado. O sistema estatal é mais institucional e prioriza os assuntos relacionados aos órgãos vinculados aos Três Poderes do Estado. O sistema público se caracteriza por conteúdos midiáticos regionalizados e de interesse da sociedade em geral.

De acordo com Helena Martins, jornalista que integra a coordenação do Intervozes (coletivo que atua pela efetivação do direito humano à comunicação e pela sua democratização), a comunicação pública deve responder aos interesses da sociedade. “É muito importante que haja diversidade, pluralidade, que se escute muita gente, que a comunicação pública não se mova por interesses próprios de diretores. [...] O objetivo dela é garantir informação, garantir cidadania, expressar as culturas que existem

no nosso país. E isso não pode depender dela ter ou não lucro”.

Para saber mais sobre o Intervozes, acesse: <http://intervozes.org.br/>

Já o sistema privado é fundamentado no lucro e, assim, propaga conteúdos que servem aos interesses políticos e/ou econômicos de seus donos e dos anunciantes dos veículos desse sistema. Movidos por esses objetivos, os programas, noticiários e anúncios produzidos pelas emissoras e pelos veículos privados têm sido, historicamente, tendenciosos, sem compromisso com a realidade ou com as diversas realidades, reforçando valores, conceitos e preconceitos focados no interesse e no lucro dos “donos” da mídia e de quem paga por ela: os anunciantes.

No dia a dia, é explícita a diferença entre a abordagem dos veículos de comunicação. Um exemplo recente que “mexe” diretamente conosco, jovens estudantes, é o caso apresentado a seguir.

No dia 19 de maio de 2016, uma importante emissora de TV pediu ao Cean (Centro de Ensino Médio da Asa Norte) para filmar uma aula na qual se debateria a doutrinação ideológica nas escolas. Essa discussão está relacionada aos projetos de lei vinculados ao movimento Escola Sem Partido, que objetiva censurar a fala de professores tanto dentro como fora da sala de aula, dando margem para a criminalização dos docentes por explicar conteúdos considerados polêmicos. As/os alunas/os e o professor colocaram o acesso ao material bruto filmado como uma condição à realização da gravação. As/os estudantes também fizeram uma gravação paralela à da emissora durante as filmagens.

Observar o contexto das filmagens e, posteriormente, a matéria veiculada é como participar de uma aula de comunicação ou, melhor dizendo, de manipulação da comunicação. Havia um número igual de meninas e meninos na sala e as falas foram igualmente equilibradas, mas as meninas tiveram, quantitativamente, uma posição muito mais crítica. Apesar disso, apenas as falas dos meninos/homens foram incluídas na matéria veiculada, que foi “ao ar” num dos horários de maior audiência da TV brasileira, sem a fala de nenhuma mulher. Além disso, também ocorreu total falta de transparência sobre a posição de um professor da Universidade de Brasília (UnB) entrevistado sobre o tema. Bráulio Porto de Matos, da Faculdade de Educação, foi apresentado na matéria como um professor “comum” da universidade, mas ele era, na época, vice-presidente da Associação Escola Sem Partido. A reportagem sequer mencionou isso.

No Brasil, infelizmente, este tipo de postura é muito comum na imprensa, já que existe quase um monopólio da comunicação privada, que, como dissemos, prioriza seus interesses capitalistas. Em relação a isso, Helena Martins afirmou que “nós temos um sistema brasileiro de comunicação muito pouco diverso: mais de 90% dos veículos são privados [...]. Essa é uma questão histórica, tanto é que, na teoria da comunicação, tem um conceito de coronelismo midiático, que remonta um pouco àquela ideia de coronelismo tradicional, da enxada e do voto. Também tem isso na área da comunicação. Então, muitos grupos se utilizam desses meios para propagar seus ideais”. A pesquisadora avalia ainda que a publicidade é um claro exemplo de como os veículos estão o tempo todo buscando o lucro e são profundamente vinculados à ideia de ampliar o consumo, de ampliar a circulação de mercadorias na sociedade, sem nem ao menos olhar para o quanto esta sociedade é desigual.

A consequência de uma mídia parcial e dominada pelo setor privado é, dentre outras, uma população com um pensamento homogêneo, fundamentado em determinadas visões de mundo que estão ligadas ao pensamento dos donos dos meios de comunicação. Isso explica o tamanho do poder que a mídia tem!!

Embora a maioria das pessoas ainda se informe pela chamada “grande” mídia que, para ser mais preciso, deveria ser definida como mídia corporativa, a procura por outras formas de comunicação está crescendo. A internet é uma poderosa ferramenta neste sentido e os veículos comunitários, autônomos, livres e coletivos (também chamados de alternativos) precisam ganhar mais destaque e reconhecimento.

A democratização da comunicação é uma saída para este preocupante problema do monopólio midiático. Organizações civis da comunicação, dos direitos humanos e outras, além de alguns poucos políticos, buscam fortalecer esta pauta, que é de interesse de toda a população brasileira.

Para saber mais sobre a democratização da comunicação, acesse: [www.fndc.org.br](http://www.fndc.org.br)

De acordo com Helena Martins, a democratização da comunicação passa por haver mais produtores de comunicação ocupando os espaços midiáticos. Para uma emissora ir ao ar, ela tem que ocupar uma determinada faixa do ar que é por onde passam as ondas de rádio e de TV, divididas igualmente entre veículos públicos, veículos privados e veículos comunitários. “Na prática, no lugar de você ter cinco emissoras de um único tipo (privada), você tem que ter duas emissoras de um tipo, duas emissoras de outro tipo, uma emissora de outro, por exemplo. Seria um jeito de a gente dividir e tornar mais democrático esse sistema, garantindo que os veículos públicos e os comunitários tenham mais espaço na comunicação”, explica ela.

# A LUTA DO BRASIL CONTRA A FOME

Alex Mudesto, 22 anos

Por décadas, a fome foi um fantasma, que atingiu grande parte do povo brasileiro, especialmente as famílias de baixa renda. Inúmeras famílias não eram assistidas pelo Estado e tinham seus direitos violados com a fome, a mortalidade infantil e outras doenças decorrentes da desnutrição.

Já na década de 1990, com a *Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida*, uma atenção maior foi dedicada a este problema em todo o país. E os governos, pressionados por uma demanda da sociedade civil organizada, passaram a priorizar cada vez mais este tema. No começo da década de 2000, com o primeiro mandato do presidente Lula, houve a criação do Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDS), responsável pela implantação de diversos programas sociais, como o Fome Zero.

Com o tempo, foram sendo implementadas políticas de combate à fome, com o fortalecimento da agricultura familiar e a implantação de programas de transferência de renda, como o Bolsa Família. Além disso, houve a criação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), dentre outras iniciativas e medidas que tinham como objetivo principal garantir o direito humano à alimentação adequada. Com esses programas, o Brasil saiu do Mapa Mundial da Fome em 2014, segundo um relatório global da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), que considerou dois períodos distintos para analisar a subalimentação no mundo, de 2002 a 2013 e de 1990 a 2014. Segundo os dados analisados, entre 2002 e 2013, caiu em 82% o número da população de brasileiros em situação de subalimentação. A organização aponta também que, entre 1990 e 2014, o percentual de queda foi de 84,7%.

Mas é preciso considerar que a essência da soberania alimentar está para além do direito à alimentação. De acor-

do com a ativista espanhola Esther Vivas, em um texto publicado no sítio eletrônico *Esquerda.net*, "a soberania alimentar reside em 'poder decidir': que os agricultores possam decidir o que cultivam, que tenham acesso à terra, à água, às sementes, e que os consumidores tenham toda a informação sobre o que consomem, que possam saber quando um alimento é transgênico ou não. Tudo isto hoje é impossível. Especula-se com a terra, privatizam-se as sementes, a água é cada dia mais cara, e mal sabemos o que comemos".

Assim, a alimentação deve ser adequada ao contexto e às condições sociais, econômicas, climáticas e ecológicas de cada pessoa ou grupo social. "Combater a fome não é só comer bem, e sim comer adequadamente. A soberania alimentar está voltada à produção da agricultura alimentar e familiar. Ela vem para debater a produção de produtos naturais mais ecológicos voltados para a produção sem agrotóxicos e produtos químicos. Através dela, fica mais claro que a distribuição de terras, de recursos e de renda é a melhor maneira de garantir a segurança alimentar e nutricional, bem como a soberania da vida humana, sem causar grandes impactos ambientais", explica Nathalie Béglin, assessora do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) e ex-integrante do Consea.

No entanto, os avanços conquistados estão sob risco. Segundo ela, hoje passamos por um processo crítico em nosso país, devido às grandes mudanças políticas. Estão em curso graves retrocessos governamentais e percebemos que o direito à alimentação adequada, que ainda tinha muito o que avançar, está ameaçado, devido aos grandes cortes nas políticas públicas de transferência de renda e de incentivo aos agricultores familiares. "Com isso, fica dificultada a produção de alimentos por famílias mais carentes para a própria sobrevivência", conclui.

## SAIBA MAIS

**Segurança alimentar e nutricional:** consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que seja ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentável (Lei nº 11.346/2006).

**Soberania alimentar:** trata-se do direito de cada nação de manter e desenvolver os seus alimentos, tendo em conta a diversidade cultural e produtiva. Ter soberania plena é decidir o que se cultiva e o que se come (Via Campesina).

Foto: One Dollar Photo

# Crianças e adolescentes refugiados

Mariah Sá Barreto Gama, 19 anos

Foto: One Dollar Photo

Imagina só ser forçada a abandonar a escola, os amigos e a família, atravessar o mundo, morar em outra cidade, aprender uma língua estranha, estudar em uma escola nova e ter que fazer outros amigos. Imagina só ter que recomeçar tudo do zero pra fugir de uma guerra.

Imagina só ter que se refugiar em outro país porque viver em seu próprio país já não é mais seguro.

Você já ouviu falar na Hanan Daqqah? Ela é uma menina síria de 12 anos que vive no Brasil desde 2015 e foi uma das pessoas a carregar a tocha olímpica em abril deste ano na Esplanada dos Ministérios, em Brasília.

Hanan mora em São Paulo com sua família, que teve que deixar sua cidade natal, na Síria, para fugir da guerra civil e se abrigar na Jordânia, onde morou por dois anos em um campo de refugiados. Logo depois, veio para o Brasil por intermédio de um programa brasileiro que facilita a emissão de visto para aquelas pessoas que foram impactadas pelos conflitos armados na Síria. Agora, ela estuda em uma escola pública perto de sua casa, no centro de São Paulo, e já fala português fluentemente, segundo informações da Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados, a Acnur.

No ano de 2016, a pauta do refúgio recebeu muita atenção, por conta do agravamento dos conflitos na Síria. Nas Olimpíadas, uma equipe de 10 atletas refugiados e refugiadas participou de modalidades como judô, natação e atletismo. Essa equipe foi cria-

da para, aproveitando os holofotes do mundo sobre os Jogos do Rio 2016, chamar a atenção das pessoas para os desafios dos refugiados.

Mas você sabe o que são pessoas refugiadas? Os desafios que elas enfrentam? Suas necessidades?

De acordo com a Convenção de 1951 das Nações Unidas sobre refúgio, refugiadas são as pessoas que se encontram fora do seu país por temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou pertencimento a grupos sociais e que não possam (ou não queiram) voltar para casa. Posteriormente, definições mais amplas passaram a considerar como refugiadas as pessoas obrigadas a deixar seus países também devido a conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos. No Brasil, nós recebemos muitos refugiados, principalmente de países como Síria, Angola, Colômbia e República Democrática do Congo. De acordo com o relatório de maio de 2016 do Comitê Nacional de Refugiados (Conare), atualmente vivem cerca de 8.863 refugiados no Brasil.

Ser um refugiado requer muita coragem, porque significa muitas vezes ter que abandonar a família, a carreira e os estudos em busca de uma vida sem medo, sem perseguição e sem violência. Quando os refugiados chegam ao Brasil, eles precisam recomeçar a vida em um país completamente diferente, com um idioma que eles não dominam e uma cultura que desconhecem. Além disso, também precisam enfrentar os problemas que os próprios brasileiros enfren-

tam: serviços públicos ineficientes, pobreza, desemprego, violência e muitos outros.

Se ser um refugiado já é complicado, imagina só ser uma criança ou adolescente refugiado! É um desafio duplo! A infância e a adolescência são fases de muitas mudanças: nós estamos aprendendo a conviver com as pessoas, interpretar o mundo, nos virar sozinho; estamos construindo e correndo atrás de sonhos, tentando entrar na universidade, focando nos estudos, nos apaixonando e tantas outras coisas. Ser forçado a abandonar seu país em uma fase tão decisiva significa nadar em um mar de incertezas. No entanto, apesar de muitas vezes perderem casa, família, escola e amigos, as crianças e os adolescentes refugiados não perdem os sonhos! O Estado e a sociedade brasileira devem se esforçar para receber tais crianças e adolescentes de braços abertos, porque eles precisam de nós, mas também porque eles têm muito a nos ensinar e enriquecer nossa cultura e nosso país! Além disso, não podemos nos esquecer de que a migração é um direito humano e de que uma política de fronteira demasiadamente restritiva só gera mais clandestinidade e violação de direitos humanos.

Na contramão de muitos países da Europa, nos últimos anos, o Brasil se mostrou um exemplo de humanidade e solidariedade, investindo em programas de facilitação de visto para refugiados e projetos de inclusão e integração dessas pessoas na sociedade e cultura brasileiras. Em 2013, por exemplo, o Brasil, sob a gestão da então presidenta Dilma Rousseff,

passou a facilitar o ingresso de sírios, ao permitir que viajassem ao país com um visto especial, mais fácil de ser obtido do que o visto comum. No entanto, algumas notícias apontam que esses avanços estão sob risco no atual governo Temer, que já indicou que vai seguir por outras direções quando se trata de política migratória, apostando numa segurança nacional mais militarizada e menos humanitária. É uma responsabilidade da comunidade internacional e da sociedade civil pressionar o governo para que não haja retrocesso quando se trata de direitos humanos! É comum que tragédias nos Estados Unidos e na Europa ganhem mais a nossa atenção e comoção. Precisamos ampliar nossa empatia e nosso senso de humanidade aos demais povos e populações e nos sensibilizar também com as tragédias da África e do Oriente Médio. Vamos construir um mundo sem fronteiras, barreiras ou catracas?

## Quer saber mais sobre refúgio e refugiados?

- Agência da ONU para Refugiados: <<http://www.acnur.org/portugues/>>.
- Adus: Instituto de Reintegração do Refugiado: <<http://www.adus.org.br/>>.
- Cáritas Brasileira: <<http://caritas.org.br/projetos/programas-caritas/refugiados>>.
- Comitê Nacional para os Refugiados: <<http://www.justica.gov.br/central-de-atendimento/estrangeiros/refugio>>.

## COMO VOCÊ ME IMAGINA?

Menina cumprindo medida socioeducativa de privação de liberdade, 17 anos

Sou uma adolescente em conflito com a lei e cumpro medida socioeducativa de privação de liberdade na Unidade de Internação de Santa Maria (Uism), no Distrito Federal.

Em outubro de 2015, tive auxílio do projeto Adolescentes Protagonistas, executado pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), para enviar a um grupo de pessoas uma pesquisa com algumas perguntas sobre as adolescentes que, como eu, estão afastadas do convívio “normal” com a sociedade, por terem cometido alguma infração. As perguntas foram as seguintes:

- » Por que você acha que estou aqui?
- » Como você me imagina?
- » Se me imagina negra, por que me imagina assim?
- » Você acredita no meu potencial?
- » Você acha que sou capaz de mudar minha relação com a sociedade?
- » Como acha que sou tratada aqui dentro?

Não achei que haveria tantas respostas. Foram 166! Por um lado, foi triste saber que, em pleno século XXI, ainda vivemos em uma sociedade preconceituosa e hipócrita. Será que essas pessoas já pararam para pensar que poderiam ser elas, ou alguém de quem elas fossem muito próximas, a estar aqui, no meu lugar?

Acho que não. E, ao contrário do que pensam, eu não estou aqui porque quero. Ninguém fica preso porque quer. Sim, eu cometi um erro e estou pagando por ele. Mas você sabe por que cometi este erro? Eu roubava e traficava para ter pelo menos uma refeição por dia. E um fato relevante: uma grande parte de nós já foi vítima de violência sexual.

A sociedade em que vivemos hoje é egoísta e defeituosa. Egoísta por não enxergar os próprios erros, só os dos outros; e defeituosa por não admitir isso. É muito fácil você me taxar como uma peba, vagabunda, sem educação, quando se é filho de mãe e pai que têm mais condições do que minha família.

É triste alguém me julgar por estar roubando ou vendendo droga... porque estes mesmos que me julgam nunca me deram um prato de comida. Você ampara quem te pede ajuda? Auxilia quem você percebe que está precisando de proteção? Me responda, sinceramente...

Por outro lado, fiquei feliz em saber que a maioria dos que responderam à minha pesquisa não pensa assim. Gosto de saber que muitas pessoas acreditam em nossa mudança. Quando existe alguém, além de nós e das nossas famílias, torcendo por nossa melhoria, é um incentivo ainda mais estimulante. É gratificante saber que nem todo mundo tem a mesma visão sobre quem está privado de liberdade. Afinal,

como disse, eu estava arriscando minha vida por necessidade, não por luxo.

Não me envergonho dos meus erros, eles me fizeram acertar. Estes mesmos erros estão me ajudando no meu presente e me incentivando a construir um futuro maravilhoso.

Eu agradeço de todo o coração pela atenção positiva, tanto das nossas famílias quanto das pessoas daqui de dentro da unidade de internação e da própria sociedade. Dar um pouco de atenção ao próximo não é bisbilhotar, mas, sim, se importar. Quando a gente se deixa um pouco de lado, nós vemos que um diálogo resolve muita coisa e que o egoísmo não serve para nada, além de nos ferir.

Aqui dentro começamos a dar valor a quem amamos e a ouvir mais, e percebemos que ninguém é culpado pelos nossos erros. **Superar as dificuldades, isso é o legal de viver. Temos tanta vida pela frente e é bom saber que conseguimos aprender essa dinâmica da vida logo no início, pois vamos precisar desse aprendizado daqui pra frente.** Quando passamos por algo ruim e sabemos continuar a viver, ficamos mais fortes. Mais uma vez, obrigada a todos que acreditam em nós e aos que não acreditam também.

### Sobre a pesquisa

O formulário elaborado pelas adolescentes foi transformado em uma pesquisa eletrônica cujo link foi enviado para todos os contatos do Inesc e disponibilizado nas redes sociais do projeto Adolescentes Protagonistas. A ação aconteceu em outubro de 2015.

Ao todo, 166 pessoas dedicaram um pouco do seu tempo para responder aos questionamentos feitos pelas meninas. Entre elas, estudantes, psicólogos, professores, jornalistas, cientistas políticos, policiais, pedagogas, servidores públicos e assistentes sociais.

### Vozes da pesquisa

“Porque a sociedade foi incapaz de assegurar seus direitos e você acabou se envolvendo com uma situação ruim”.

“Várias podem ser as causas de você estar cumprindo medidas socioeducativas, mas provavelmente quem deveria lhe proteger não o fez, como a família, a sociedade ou o Estado”.

“Eu tenho certeza de que você poderá superar as dificuldades que passou até agora e construir um futuro lindo. Acho que você precisará da ajuda da sua família e de toda a sociedade para superar esses desafios, mas o que será decisivo é que você mesma acredite em seu potencial e busque a ajuda necessária”.

“Acredito que você tem muito potencial, força, impetuosidade, inteligência e criatividade e que tudo isso pode ser usado para construir um futuro diferente. Acredito que, se você aproveitar as oportunidades que lhe forem oferecidas, buscar objetivos na vida e correr atrás deles, você tem todo o potencial para ter um futuro cheio de sucesso, felicidade e realização”.

“Jovem negra ou parda, moradora de um bairro ou cidade periférica, estudante de escola pública, com renda familiar baixa e arranjos familiares frágeis”.

Perfil das pessoas que responderam à pesquisa

Sexo/gênero		Raça/cor		Idade	
Feminino	124 74,7%	Branco	93 56%	De 15 a 18 anos	4,2%
Masculino	42 25,3%	Preto	24 14,5%	De 18 a 25 anos	18,2%
Não quer responder	0 0%	Pardo	47 28,3%	De 25 a 35 anos	23,1%
		Indígena	0 0%	De 35 a 45 anos	19,4%
		Amarelo	1 0,6%	De 45 a 55 anos	21,2%
		Não quer responder	1 0,6%	De 55 a 65 anos	11,5%
				De 65 a 90 anos	2,4%

# Nossas vidas, nossos direitos

Nyl de Sousa, 26 anos  
(MC, produtor cultural e comunicador popular)

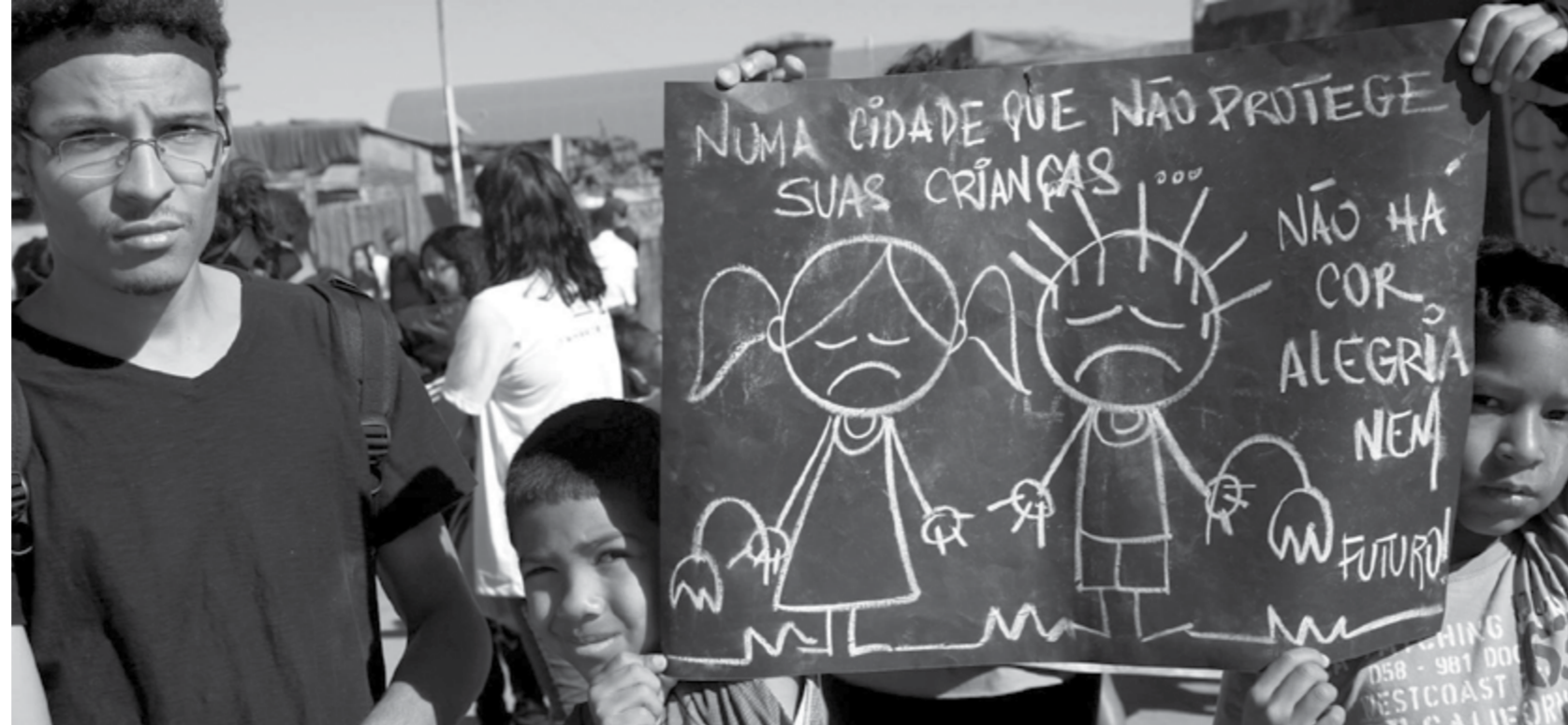


Foto: Diego Mendonça

Éra sábado à noite. Dentro de um carro, cinco jovens pretos passando por um local considerado área de risco, que também era a residência deles. Ao passarem pelo carro da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, os jovens foram simplesmente fuzilados, tendo sido considerados suspeitos. Leia-se: fuzilados por serem pretos. O braço armado do Estado, que deveria servir e proteger a população (será esse mesmo o intuito?), assassinou cinco jovens por conta da cor de suas peles e do local em que eles estavam. Ou será que, se eles fossem brancos e estivessem na Avenida Vieira Souto, em Ipanema, o tratamento seria igual?

Roberto Silva de Souza, de 16 anos; Wilton Esteves Domingos Júnior, de 20 anos; Carlos Eduardo Silva de Souza, de 16 anos; Wesley Castro Rodrigues, de 25 anos; e Cleiton Correa de Souza, de 18 anos, foram perfurados por mais de cem tiros disparados a esmo. Vidas que se foram por conta do racismo. Sim, o racismo matou esses jovens e continua matando por todo o país, infelizmente.

Segundo dados da Anistia Internacional, em 2012, 56 mil pessoas foram assassinadas no Brasil. Destas, 30 mil são jovens entre 15 e 29 anos e, deste total, 77% são pretos. Há de se observar também que a maioria dos homicídios é praticada com a utilização de armas de fogo e menos de 8% dos casos chegam a ser julgados. As balas perfuram e a lei nos esnoba.

Não é a ordem natural da vida o mais novo morrer antes do mais velho. Os mais novos são pontos de apoio para o nosso futuro. São eles que darão continuidade para tudo o que estamos fazendo e cuidarão dos mais idosos. Na minha condição de jovem, preto, com 26 anos de idade, morador de território popular e em

movimento pelas favelas da cidade, já penso a que mundo vai chegar a próxima geração. E penso também em como impactar o presente para fomentar o futuro. É urgente que toda a sociedade tome para si o "direito à vida". É algo diretamente ligado à concepção de "dignidade da pessoa humana", que alicerça a nossa Constituição e, ao mesmo tempo, é tão ignorada. Ou até hoje nós, pretos, não somos vistos como seres humanos e somos apenas tolerados?

Acredito na arte, na educação, na cultura e na comunicação como instrumentos para buscarmos uma transformação social para a nossa juventude. Instigar para o nosso autoconhecimento, descobrir nossas origens e nossas potências é o que me move. Lógico, precisamos de uma base sólida, de saúde e de muito conhecimento para agir com sabedoria e propriedade nesses setores. Porém, o conhecimento é algo a ser compartilhado, da forma que for, sendo bem mais que um clique pelo Facebook ou Twitter. O presencial, o encontro, o contato "olho no olho" são necessários.

Estou caminhando para os 27 anos. Tenho sonhos e busco cada vez mais solidificar partes importantes da minha vida. A música foi o que me levou para muitos lugares diferentes da cidade e até alguns cantos do Brasil. E me levou principalmente ao meu descobrimento e a conhecimentos que eu não acessaria se não fosse por este caminho. Conheci muitas pessoas e algumas delas levarei no coração para sempre. Os 27 anos, no mundo do *showbizz*, é tido como a "idade da morte". Grandes ícones morreram com essa idade. Sem precisar desse *glamour*, estou inserido numa estatística que me coloca um alvo na testa e deixa meu futuro muito mais incerto. Só com espiritualidade para não surtar.

## E no DF, como é?

Eu moro em Sobradinho dos Melos, um setor de chácaras que faz parte do Paranoá. Moro lá há bastante tempo, e a nossa realidade é muito difícil. Por conta de meu pai e meu irmão serem negros, eles são vítimas de racismo. Quando a gente vai para alguns lugares, logo de cara não consegue entrar: eles falam que o lugar está cheio ou reservado para algum evento. Também quando ando na rua ou na escola, ouço pessoas dizendo que foram paradas pela polícia, que tiveram que responder um monte de perguntas e que foram até xingadas. Por causa da cor, eles acham que são bandidos. Por exemplo, eu tenho um amigo na escola que é negro. Um dia, a gente estava indo junto para a escola quando os policiais nos pararam. Eles desceram da viatura já batendo nele e começaram a dar um "bacu" (como chamamos a revista policial), xingando-o na minha frente. Em seguida, pegaram a bolsa dele, dizendo o tempo todo que iriam bater nele. Todos os dias, essas situações se repetem. Meu primo também já sofreu esse tipo de coisa: ele me contou que apanhou dos policiais na porta de casa, enquanto era revistado por eles, junto com meu pai. Outra vez, eu e meu primo estávamos vindo da igreja tarde da noite, quando passou uma viatura. Eles viram a gente, mas passaram direto. Depois de alguns minutos, voltaram e pararam a gente, já mandando meu primo colocar a mão na cabeça e perguntando de onde a gente estava

vindo. Quando falei que era da igreja, eles disseram que a gente estava mentindo, bateram no meu primo na minha frente e falaram que não era para a gente dizer nada, senão dariam outra surra no meu primo. Voltando para casa, eles nos seguiram até em casa e, quando abrimos o portão, eles passaram direto. Também houve outra vez em que meu pai e minha mãe foram viajar. Meu pai deixou ela em casa e foi para a chácara. Muito tarde da noite, meu pai foi parado por uma viatura. Pediram documentos e tudo o mais. Como meu pai não estava com eles, os policiais questionaram de onde ele estava vindo e para onde ele estava indo. Segundo ele, eles não fizeram nada e até se divertiram um pouco às custas dele e, no fim, falaram para ele ter cuidado, porque existem policiais que batem, agredem e tudo só por causa da cor. Enfim, acho que essa é a minha história e acho que essa é a realidade do Paranoá, entre tantos outros lugares.

Aryle Santos Cornélio, 16 anos

Já sofri racismo, quem nunca? Já me colocaram vários apelidos na escola, só porque sou negra e tenho cabelo afro. Já presenciei pessoas não querendo se sentar perto de mim no "busão". Já vi gente com medo de mim. Também já houve aqueles que tinham nojo da minha cor. Já fui a entrevistas de emprego em que não me aceitaram por causa do meu *black*. Já vi meu primo apanhando por ser negro. E sempre me pergunto o porquê... Sou gente como eles, não? Existem aqueles também que têm aquele "leve" preconceito porque moro na favela... Aqueles que acham que quem é daqui não pode conseguir vencer na vida... Engano deles, sou daqui com muito orgulho. Só não entendo por que tenho menos oportunidades do que uma pessoa branca. É por conta de que somos negros? Posso ser o que eu quiser ser: a minha cor não vai atrapalhar em nada, isso você pode ter certeza. Sou negra, sim: cabelo afro, descendente de africanos com muito orgulho.

Ana Beatriz Pereira Barbosa, 17 anos



## INSPIRA BRASÍLIA! » UM FESTIVAL DE ARTE E CULTURA NO CONIC

Walisson Lopes de Souza, 21 anos

**N**ão?! Você não tá ligado no que rolou entre os dias 13 e 16 de abril lá no Conic?!

Aconteceu o *Inspira Brasília*!! Um evento que veio pra ficar...

Vários movimentos sociais e culturais do DF se reuniram durante esses dias lá na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes para discutir a revitalização, a recriação e a ocupação da cidade, de espaços como o Conic, um dos lugares mais populares, democráticos e diversos da região. Além disso, também foi realizada uma semana de eventos e debates pelo direito a uma cidade mais coletiva e igualitária.

Esse evento foi organizado pelo Movimento Nossa Brasília, com a ajuda da galera do Grito das Periferias, do Inesc, do Movimento Dulcina Vive e de outros coletivos periféricos do DF, como o Coletivo da Cidade e a Família Hip Hop. Foram organizadas

rodas de conversa sobre o direito à cidade, sobre mobilidade urbana e sustentabilidade, questões raciais e de gênero e sobre a gestão solidária de resíduos sólidos. Também aconteceram diversas oficinas, como de teatro, estêncil, mobiliário urbano, grafite e skate.

A semana foi "fechada" com um grande Grito das Periferias na praça central do Conic, com apresentações de *hip hop*, teatro e música. Celebramos o fato de termos alcançado o nosso objetivo de ocupar o Teatro Dulcina de Moraes com arte, manifestações, cultura e debates incríveis.

No último dia do evento aconteceu ainda a segunda edição de uma atividade do Movimento Nossa Brasília, conhecida como "Diálogos Inspiradores". A proposta do Diálogos é discutir o direito à cidade e estimular a reflexão sobre modos de intervir para garantir uma cidade cada vez mais sustentável e

democrática. Nesta edição do evento, contamos com a participação de representantes do Coletivo Família de Rua, de Belo Horizonte (MG), que fez o debate sobre a ocupação pelo viés do *hip hop* e do duelo de MCs; e do Movimento Ocupe Estelita, de Recife (PE), que se tornou referência nacional na ocupação de espaços públicos pela luta contra a ilegal privatização do histórico Cais José Estelita, na área central da cidade. Daqui do DF, tivemos a participação da galera incrível do Movimento de Ocupação Cultural do Mercado Sul, de Taguatinga; do Rodas da Paz, que prioriza a questão da mobilidade como direito; e do Quem Desligou o Som?, que coloca em debate a importância da convivência social e do respeito aos músicos e artistas do DF.

Esses grupos aprofundaram as discussões sobre o desenvolvimento urbano excludente e segregador e a luta por uma cidade inclusiva que respeite o meio-

ambiente, os recursos naturais, a cultura, a história, a memória, as identidades e, principalmente, os direitos da população, especialmente dos grupos mais estigmatizados.

Então, agora que você já tá sabendo e inspirado por esta experiência megabacana e necessária, eu te faço um convite:

*Venha gritar com a gente e ocupar sua rua, ocupar sua escola, ocupar as praças e os espaços públicos, ocupar lugares simbólicos como o Conic, ocupar novas mentes e transformar realidades! Acompanhe o Movimento Nossa Brasília nas redes sociais e conheça outras iniciativas como esta que acontecem durante todo o ano!*

*Transpire e inspire sua cidade... Transpira e inspira, Brasília!!*



filme

### Obrigado por Fumar

**Ana Vitória Slavica Radic, 20 anos**

Dirigida por Jason Reitman, esta irônica comédia foi produzida há uma década, mas continua bastante atual, já que a manipulação do público pelas corporações se intensificou neste período. Nick Naylor é o principal porta-voz das grandes empresas de cigarros. Seu objetivo é defender os direitos dos fumantes estadunidenses. Enquanto o mundo inteiro luta contra o tabaco, o protagonista do filme argumenta de modo persuasivo e manipula informações para acobertar os males causados pela indústria tabagista. Ao mesmo tempo, ele tenta ser um bom exemplo para seu filho, até que o inesperado acontece: a campanha favorável ao tabaco ganha ampla dimensão. O fato de seu filho passar a observar com atenção crescente o seu trabalho o deixa bastante preocupado. Esse filme vai muito além do debate sobre o tabagismo. Ele surpreende e vai prendê-lo do início ao fim. Existe até o risco de você ser convencido pelos fortes argumentos de Nick... Afinal de contas, segundo ele, o que é importante é saber argumentar e debater, e não convencer.



música

### Anillá

**Lyna e Diana**

As artistas libertárias Lyna e Diana definem a banda de Brasília, estilo *novo glam* e *rock clássico*, deste modo: "Uma alma que veio na canvas de duas meninas coloridas. A música de Anillá trata de espiritualidade, amor e do cosmos numa simbiose com o caos inerente à espécie humana. Juntas há quase dez anos nesta vida, a música vem de forma jorrada para preencher todas as lacunas que encontram expostas, bem como invadir e abrir as janelas dos corações doloridos e solitários. Através da cor e do som, a alma de Anillá vem, por Lyna e Diana, para transformar". E complementam a autodescrição do que fazem: "Música que sangra das entranhas da Alma da Deusa, um universo de sons, cor e poesia te esperando pra gozar. Vem?".

*Nota da equipe da Descolad@s: pelo perfil no Facebook, é possível ver, além das fotos lindíssimas, que Anillá está envolvida com os movimentos autônomos (elas fazem até rifa pra se bancarem) e coletivos que ocupam, com arte e autonomia, espaços relevantes da cidade, como o Eixão e a UnB. Além disso, elas participam de saraus bacanérrimos em todos os lados, prestigiam eventos que valorizam as bikes e, especialmente, quebram tabus e inspiram novas, leves e amorosas formas de viver.*



rádio

### Rádio Yandê

**Leiliane Vieira, 21 anos**

E aqui estamos, mais uma vez, para dar uma dica sensacional para vocês: a primeira rádio indígena web do Brasil. Isso mesmo!! Produzida por iniciativa de três amigos indígenas, a Yandê está sediada no Rio de Janeiro e estreou em 11 de novembro de 2013. Com uma programação mega diversa, esta rádio dá espaço para as diferentes nacionalidades, línguas e povos indígenas (só no Brasil, são mais de 305!). E se você acha que vai ouvir só música tradicional, você está muito enganado. Rap, rock, dub, além de MPB e forró estão sempre na sintonia dos ouvintes da Yandê. Por isso, a rádio possibilita, também pela veiculação de informações e de seus programas, que as pessoas tenham contato com a realidade e a diversidade das comunidades indígenas do país. E esta é uma ótima maneira de desfazer alguns estereótipos e preconceitos que temos, justamente pela falta de conhecimento e contato com os primeiros moradores do Brasil. Educativa, a Yandê é um ponto de mídia livre e conta com o apoio de alguns correspondentes e dezenas de colaboradores. A sua programação conta com produções como: Roda de Prosa, Comunica Parente e Programa de Índio, além de um informativo sobre os povos de toda a América Latina. Então, galera, não perca tempo! Acesse a Yandê!... Garanto que não vão se arrepender!



livro

### O Melhor de Mim

**Kauã Alves, 18 anos**

Este livro, de Nicholas Sparks, nos conta uma estória que jamais vou esquecer. Ele traz preconceitos sociais e mostra o difícil universo familiar nas relações entre mãe e filha, pai e filho. Mostra as famílias. Muito comovente, ele nos faz refletir sobre a realidade. Um jovem, de uma família criminosa, cresceu com vontade de "fazer diferente". Em uma primavera, ele se apaixona por uma linda garota de classe alta que conheceu na escola. Ela, também apaixonada, não sabe como agir com a mãe diante do enorme preconceito que ela continha dentro de si. Mas, quando o verão acabou, o ar ficou mais fresco e as folhas do outono começaram a cobrir o chão de vermelho e amarelo, por mais que ele quisesse passar o resto da vida ao lado de sua amada Amanda, a realidade os separou. Diante dessa situação, ele foi embora e jamais se envolveu com outra mulher, mas também nunca mais esqueceu Amanda, que casou e teve dois filhos. Mais de vinte anos depois, o destino os surpreende. Um romance sensacional, que a gente não consegue parar de ler e que nos faz refletir sobre o amor. Desejo que muitas pessoas conheçam esta estória linda.



## RELIGIÃO OU TRADIÇÃO AFRICANA?

Tem sido comum ouvirmos falar sobre intolerância religiosa, quase sempre envolvendo as tensões entre cristãos evangélicos e adeptos das religiões de matriz africana. Há pessoas entre os evangélicos que admitem cumprir a missão de “levar a palavra” a todos os lugares onde as pessoas precisam encontrar em Jesus Cristo a sua salvação deste mundo, cada vez mais sob as influências malignas de Satanás. Reprovam a prática dos católicos naquilo que classificam como adoração de imagens e veem os seguidores das religiões de matriz africana como “macumbeiros”, adoradores do Demônio. O que pouco se reflete é que cristãos (sejam católicos ou evangélicos) e cultuadores de voduns, inquices ou orixás, nomes atribuídos às divindades pelos adeptos das religiões de matriz africana, possuem diferentes tradições. A tradição é uma herança cultural transmitida de geração para geração, que ensina valores, princípios, costumes e normas de convivência que, ao longo da história de cada sociedade, vão estabelecendo padrões que devem ser seguidos e reproduzidos como verdadeiros. Assim como a sociedade brasileira é formada por diferentes povos (europeus, africanos, ameríndios...), precisamos aprender mais sobre como viveram e vivem aqueles cujas histórias e culturas estão menos presentes nos livros didáticos e nos meios de comunicação.

**Luís Cláudio de Oliveira**

Professor adjunto do Departamento de Formação de Professores da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

O escritor Amadou Hampâté Bâ, nascido no Mali – um dos 54 países e nove territórios que constituem o continente africano –, afirma que a tradição africana é “a tradição viva”, porque é transmitida, necessariamente, por meio de narrativas. Isso nos faz pensar no poder dessa tradição, que – apesar de toda a violência física e psicológica da escravização, pelos europeus, dos povos africanos – continua presente em toda a diáspora africana, isto é, em todos os lugares onde os africanos foram forçados a viver nessa condição, do início do século XVI até meados do século XIX.

Para o sociólogo baiano Muniz Sodré, uma das maneiras de resistência do africano e dos seus descendentes foi a tentativa de reconstrução, na diáspora, por meio da memória, da sua forma original de viver, da sua tradição em lugares que habitualmente chamamos de terreiros. Portanto, independentemente das denominações regionais – candomblé, umbanda, quimbanda, tambor-de-mina, batuque, etc. –, os terreiros significam uma reinterpretação de como era a vida nas sociedades africanas tradicionais, com o objetivo de manter a identidade, o “quem eu sou”.

Na tradição africana, conforme estudos da antropóloga Juana Elbein dos Santos, apesar de todas as distorções produzidas pelos opressores, muitas vezes reproduzidas pelos oprimidos, não existe separação entre sagrado e profano ou entre bem e mal. Na cosmovisão africana – a forma com que a tradição africana compreende toda a existência (os reinos animal, vegetal e mineral) –, que orienta as práticas dos cultos, Homem, Deus e Natureza interagem e se encontram em permanente diálogo para garantir o equilíbrio entre todas as forças que a tudo movimentam. Então, é importante refletir que os perseguidores dos terreiros, além de atentarem contra o direito de liberdade religiosa, atentam contra uma rica tradição.

A riqueza dessa tradição também pode ser retratada, por exemplo, no seu aprendizado pelos *Omo Dé*, as crianças que mal deixam as fraldas e já participam das rodas de dança no Barracão – o lugar nos terreiros onde acontecem as principais celebrações coletivas do Igbé, a comunidade religiosa – e das obrigações, como qualquer adulto.

Para as crianças e também para os jovens cujas casas ficam dentro da comunidade do terreiro (e que, portanto, lá convivem diariamente), tudo o que lhes é transmitido pelos mais velhos deve ser tratado com responsabilidade, mas quase sempre com muito humor e diversão.

Ricardo, 26 anos, participou de entrevistas para um livro sobre educação nos terreiros, da jornalista Stela Guedes Caputo. Desde menino, quando tinha 4 anos, ele desempenha a função de Ogan (responsável por emitir os sons dos atabaques para convocar as divindades que dançam por meio dos corpos dos fiéis e são cultuadas no Barracão). Ele explica: “Eu acordo vendo macumba e vou dormir vendo macumba. Quando eu era criança, gostava de ver televisão e via. Mas o que eu gostava mesmo era de brincar de macumba. Ficava brincando de macumba com a Paula, com o Jailson e com os outros. A gente brincava de pegar santo” (Caputo, 2012, p. 80). A autora revela que não se esquece da emoção ao ver o menino Ricardo tocar com maestria para o Xangô de Paulinha, enquanto a pequenina dançava rodopiando no meio do Barracão. Assim, a pedagogia do terreiro ou o modelo de transmissão dos preceitos religiosos às crianças e aos adolescentes não se distancia da vida cotidiana. É parte integrante e complementar da própria cosmovisão africana.

### REFERÊNCIAS

CAPUTO, Stela Guedes. *Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012, 296 p.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. *A tradição viva*, em História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África. Organizado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 1980, pp.181-218.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a morte: Pàde, Asèsè e o culto Égun na Bahia*. Petrópolis. Vozes, 1986, 240 p.

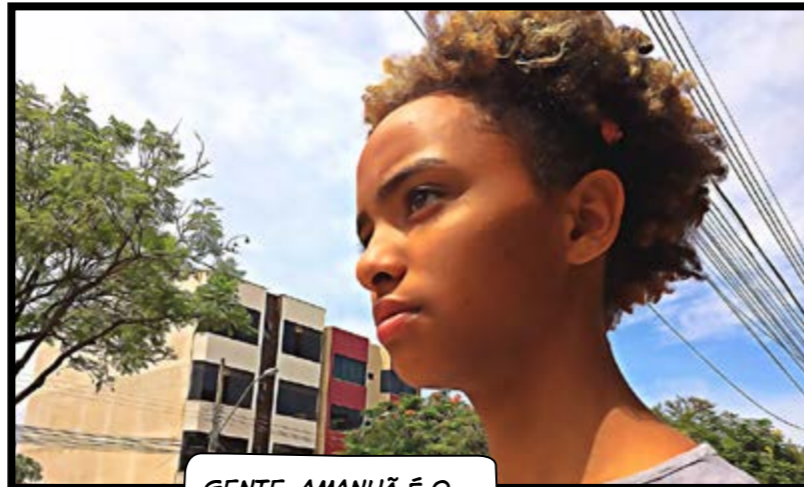
SODRÉ, Muniz. *A Verdade Seduzida: Por um conceito de cultura no Brasil*. Coleção Cultura Brasileira, v. 1 – Codecri. Rio de Janeiro, 1983, 215 p.

# SHORT CURTO

ENQUANTO ISSO, EM UMA TARDE QUENTE QUALQUER...

CUIDADO, QUERIDA! ASSIM QUE ENCONTRAR SUAS AMIGAS, ME LIGUE!

TCHAU, MÃE. VOU NESSA!



MIGA, ACHEI QUE VOCÊ NÃO VIRIA MAIS.



GENTE, AMANHÃ É O NÍVER DA BABI. VAMOS COMIGO COMPRAR UM PRESENTE?



ACHO QUE ESSE VESTIDO COMBINA COM ELA...



UÊ... QUEM É ESSE CARA AQUI ATRÁS QUE NÃO PARA DE OLHAR PARA A GENTE?



NOSSA, GOSTOSAS!



AH, NÃO. ACHEI MUITO CARO. VAMOS SÓ OLHAR MESMO!



ACREDITE OU NÃO, O MEU SHORT CURTO NÃO TEM NADA A VER COM VOCÊ!



MEU CORPO NÃO É DINHEIRO NA SUÍÇA PARA SER DA SUA CONTA!



PÔXA, MENINAS. FOI MAL. PISEI NA BOLA!

RESPEITO É BOM E EU GOSTO MUITO!





# Vamos fazer um “GAME?”

Gabriela Camota, 19 anos

O “game” nada mais é do que uma troca de roupas entre amigas. Ou seja, uma oportunidade de você dar uma renovada no seu guarda-roupa, com peças usadas e também novas, sem gastar nada.

**SEM PAGAR NADA?!...** Exato!

**COMO ASSIM?!** Bom, se você tiver roupas no armário que não te agradam, não te deixam feliz, que não fazem você se sentir bem ou até mesmo aquela peça “maraa” que você comprou na famosa liquidação (por ser barata) e nunca usou, é só praticar o “game”.

**1º passo:** Abra o seu guarda roupa e selecione as roupas que não te agradam mais.

**2º passo:** Procure alguém que as queira.

**3º passo:** Faça a troca ou simplesmente doe.

Mais fácil que isso, impossível!

E tenha a certeza de que o melhor estilo é aquele que faz você se sentir maravilhosa e, como brinde, neste caso, é de graça.

**Mas qual é a graça de entregar minha roupa a alguém e talvez não receber alguma de volta?**

**Calma!** O foco da troca entre amigas não é receber roupas fascinantes ou caras ou ter sempre roupas em movimento. O objetivo também é praticar o desapego. Lembre-se de que, com esta atitude, estaremos reduzindo o impacto ambiental do nosso consumismo, que, muitas vezes, é exagerado.

Além do mais, você não precisa sempre fazer o “game” entre amigas, porque pode espontaneamente doar suas roupas ou juntar tudo e fazer uma colcha para cama a partir de retalhos.

**Amei!** Então, que tal compartilhar essas ideias e chamar todos para participar? Homens, mulheres, transexuais, crianças... Não precisam ser necessariamente roupas, podem ser brinquedos, livros, eletrodomésticos, plantas ou quaisquer objetos que te ajudem no desapego. As possibilidades são infinitas.

Compartilhe essa ideia, pois até mesmo a escolha de roupa que fazemos diariamente, sem nem refletir, pode se tornar uma prática de mudança para um mundo melhor.

# EDUCAÇÃO DE GÊNERO: CONSTRUÇÃO DE NOVAS SENSIBILIDADES

Maria Castanho Ansarah, 17 anos

A educação de gênero é uma importante ferramenta para combater o machismo na sociedade “desde a raiz”. Por isso, antes de mais nada, é preciso pensar sobre o contexto que favorece a ocorrência de violências contra meninas. É possível ver no cotidiano da escola, da cidade e das famílias várias situações que demonstram a cultura do desrespeito ao feminino. A começar pelo tratamento desigual que a sociedade impõe a homens e mulheres, meninos e meninas, héteros e homossexuais, atribuindo valores diferentes às pessoas conforme o sexo, o gênero e a sexualidade.

A própria língua portuguesa evidencia essa realidade. Por exemplo, o homem é comumente ofendido quando é comparado ou equiparado à mulher e grande parte dos xingamentos usados no Brasil é contra a mãe das pessoas, como: “filho da ‘p’”, “filho da mãe”, “vai pra ‘p’ que te pariu”, “filhote de cruz credo”, “filho de uma égua”...

Desde o nascimento, a gente percebe que cada gênero é direcionado para um estilo de vida, para aprender atitudes e papéis sociais, cristalizando os imaginários que caberiam a cada gênero.

A cultura machista banaliza o feminino, seja no corpo de meninas e mulheres, seja nas atitudes que demonstram o feminino em outros corpos. É importante saber que o Brasil é líder mundial em assassinatos de gays, travestis e transgêneros!!!!

Alguns exemplos das consequências dessa trama são os seguintes:

O tratamento desigual estimula e admite a sexualidade dos meninos e reprime a sexualidade das meninas.

O que se exige do comportamento de cada gênero é completamente diferente, como se não pudesse haver uma interligação, uma mescla ou um diálogo. Isso é o que se chama de sexismo.

Os meninos são priorizados para a fala nas escolas e estimulados para as carreiras de exatas, mesmo quando as meninas são mais interessadas e melhores do que eles no desempenho escolar.

Os homens ocupam mais espaços de poder. O Congresso Nacional é um caso exemplar. Na Câmara, atualmente, a representação feminina é de apenas 51 deputadas, enquanto há 462 deputados homens. No Senado, apenas onze mulheres contrastam com a presença de 70 senadores homens.

Os homens continuam a ganhar aproximadamente 30% a mais que as mulheres de mesma idade e nível de instrução no Brasil, índice que é quase o dobro da média da América Latina (17,2%).

Um exemplo de atitude preconceituosa em relação a este tópico foi a afirmação do deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ, na época), em uma entrevista ao jornal *Zero Hora*, em dezembro de 2014: “Entre um homem e uma mulher jovem, o que o empresário pensa? ‘Poxa, essa mulher tá com aliança no dedo, daqui a pouco engravida, seis meses de licença-maternidade...’ (...). Quem que vai pagar a conta? O empregador!”.

O clima machista propicia abordagens agressivas e desrespeitosas às mulheres. Os meninos aprendem desde cedo que podem desrespeitar e até violentar meninas e mulheres.

Os homens passam a acreditar que têm direitos sobre as mulheres, sobre suas atitudes, seus corpos e seu sexo.

Existe a relativização da violência do estupro contra meninas e mulheres por juizes, promotores, policiais e outros profissionais.

Dentre outros, dois casos se destacam neste tópico: 1) a liberdade, ainda que provisória, concedida em 2009 ao ex-médico Roger Abdelmassih, de 72 anos, condenado por crimes sexuais contra 74 pacientes; e 2) as ofensas públicas e as humilhações machistas feitas pelo promotor de Justiça Theodoro Alexandre, do Rio Grande do Sul, a uma adolescente de 14 anos, estuprada pelo próprio pai. Para o promotor, a garota era culpada pelo caso, teria mentido e “facilitado” o abuso. A audiência aconteceu em 2014, mas só se tornou pública no dia 31 de agosto de 2016.

A cultura machista culpabiliza a vítima de qualquer forma de agressão. Neste sentido, popularizam-se termos e expressões como “usou saia justa”, “estava pedindo”, “piriguete”, “vagabunda”, “puta”, “piranha” etc. Ou seja, tudo o que poderia desqualificar uma mulher.

A educação de gênero nas escolas, desde a educação infantil, seria um passo importante para:

- estimular o desenvolvimento da percepção sensível da outra e do outro;
- motivar a convivência e o respeito entre os diferentes gêneros;
- promover o desenvolvimento da autonomia e a construção do nosso lugar no mundo;
- desnaturalizar os papéis de gênero;
- conscientizar meninas e meninos dos direitos sobre o corpo e sobre a sexualidade;
- fortalecer a ideia de que o corpo é nosso e de que a nossa vida sexual é determinada pelos nossos desejos e de mais ninguém;
- combater a educação sexista, que atribui aos meninos mais oportunidades e controle sobre suas vidas e, para as meninas, a noção do corpo como objeto sexual e do qual elas não têm controle nem poder de decisão;
- enfrentar a violência contra as mulheres, combatendo as origens do feminicídio, ou seja, a ideia de que os homens têm a posse da mulher, dentro ou fora das relações afetivas;
- enfrentar os relacionamentos abusivos, em que o ciúme é usado como mecanismo de opressão e manipulação tanto para meninos como para meninas;
- superar a cultura do estupro.

Aquífalamos da sociedade de um modo geral, reconhecendo que há muitos homens e meninos que estão construindo novas maneiras de ser homem, outras masculinidades e novos conceitos, sendo que essa reconstrução deve ser bastante empoderada pela educação de gênero.

## SEXO ≠ GÊNERO

**Sexo:** conjunto de características biológicas (como genitália e presença ou não de ovários) que definem os indivíduos como “macho”, “fêmea” e “intersexo”, que possui características dos dois.

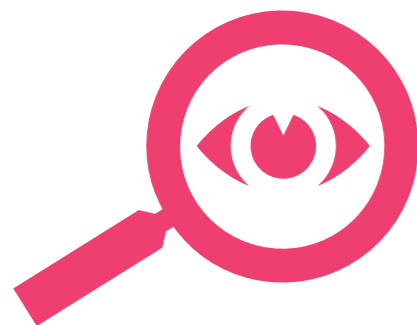
**Gênero:** é uma construção sociocultural que identifica um indivíduo como pertencente a um grupo comportamental masculino ou feminino. Na cultura, o sexo define o comportamento das pessoas: macho = masculino; e fêmea = feminino. Muitas pessoas invertem ou cruzam esses papéis, vivendo o gênero de forma mais livre. Frequentemente, elas são vistas como portadoras de uma patologia e sofrem diversos preconceitos e violências.

**Papel de gênero:** é um conjunto de comportamentos associados ao sexo feminino ou ao masculino que desempenham o papel de modelo comportamental de uma determinada sociedade.

Foto: Márcia Acioli

Thallita de Oliveira Silva, 23 anos, e Vinícius Silva Moreira, 21 anos

Orçamento Público (OP) é um dos instrumentos mais importantes para se assegurar a realização dos direitos. Não há educação sem investimentos, assim como não há saúde sem equipamentos, profissionais e medicamentos, que demandam recursos públicos para o direito ser universalizado (chegar a tod@s com a mesma qualidade). Outro aspecto importante do OP é a possibilidade de se constatarem as reais prioridades de governo. Quando um governo gasta mais em publicidade do que em construção de escolas é nítida a opção que se fez. O Orçamento Público é organizado a partir de uma previsão de arrecadação (de impostos, taxas, contribuições...). Portanto, pode ocorrer de se arrecadar menos do que se previu. Também temos que levar em consideração que o orçamento é autorizativo, ou seja, não há obrigação de que se gaste conforme o idealizado, resguardadas algumas regras referentes à saúde e à educação, por exemplo. Então, vamos ficar de olho!



**Você sabia que estavam previstos mais de R\$ 1.185.000,00 para gastos com a saúde dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em 2016? Você acha que esse dinheiro foi gasto?**

**Se você pensou que sim, PÔXA, RESPOSTA ERRADA. Não se gastou nem um centavo com essa ação! Dá pra acreditar?**

**ORÇAMENTO E SOCIOEDUCAÇÃO**

**Você acha que o governo deve se responsabilizar pelo acompanhamento dos adolescentes egressos do sistema socioeducativo? Pois bem, isso é difícil sem dinheiro. Estava previsto exatamente um milhão de reais para esse acompanhamento, mas nada foi gasto.**

**Será que esse dinheiro vai ser utilizado para pagar o vencedor do Big Brother Brasil? Só pode!!**

**NÃO PODE! Nem se quisessem! A lei não permite!**

**ESCOLAS**

Gente, veja só quanto dinheiro o Governo do Distrito Federal (GDF) previu para gastar com a construção de unidades de ensino/escolas: R\$ 39.572.471,00. Muita grana, né? Não sabemos se é o suficiente para a demanda de que precisamos, mas parece que é uma boa grana. No entanto, sabe quanto o GDF gastou até outubro de 2016? R\$ 6.272.263,00. Pois é, esse gasto foi só com escolas profissionalizantes/técnicas. Nada com ensino fundamental e médio. Veja a tabela a seguir:

QUANTIDADE DE ESCOLAS		
Programa	Dotação autorizada	Liquidado
Construção de UE EM	R\$ 1.451.207,00	0
Construção de UE EF	R\$ 5.861.781,00	0
Construção de UE Profissionalizantes/ Técnicas	R\$ 31.047.690,00	R\$ 6.272.263,00
Construção da Fundação Universidade Aberta	R\$ 691.793,00	0
Construção de Escolas	R\$ 520.000,00	0
<b>Construções (TOTAL)</b>	<b>R\$ 39.572.471,00</b>	<b>R\$ 6.272.263,00</b>

Fonte: Quadro de Detalhamento de Despesas referentes à Lei Orçamentária Anual (LOA/2016) do Distrito Federal. Relatório emitido em outubro de 2016. Valores em R\$ 1,00.

Você quer saber quais são as localidades que estavam previstas no orçamento para a construção de escolas? Então, se liga aê:

PROGRAMA DE TRABALHO	DOTAÇÃO AUTORIZADA	LIQUIDADADO
12.363.6221.3234.2933 - (Epe) construção de unidades de ensino profissionalizante - construção do centro de educação profissional do guará - guará	4.264.000	2.236.485
12.362.6221.3272.9328 - (Oca) construção de unidades do ensino médio - rede pública - se- são sebastião	0	0
12.361.6221.3235.0013 - (Oca) reconstrução de unidades de ensino fundamental - escola classe - se- riacho fundo	1.451.207	0
12.361.6221.3235.0013 - (Oca) reconstrução de unidades de ensino fundamental - escola classe - se- riacho fundo	2.549.292	1.632.798
12.361.6221.5023.9527 - (Ep) construção de escolas nos condomínios pôr do sol e sol nascente - ceilândia	520.000	0
12.361.6221.5924.9316 - (Oca) construção de unidades do ensino fundamental - rede pública - se - distrito federal	5.000.000	0
12.363.6221.3234.2929 - (Oca) (epp) construção de unidades de ensino profissionalizante - escolas técnicas profissionalizantes - se - distrito federal	100.432	0
	761.349	0
12.363.6221.3234.2929 - (Oca) (epp) construção de unidades de ensino profissionalizante - escolas técnicas profissionalizantes - se - distrito federal	926.594	26.609
	8.000.000	0
	150.000	150.000
	3.732.050	0
	11.284.154	3.859.169
	2.690.892	0
12.364.6221.5023.9524 - Construção de unidade de ensino - fundação universidade aberta - Distrito Federal	691.793	0

**GÊNERO**

Será que os direitos das mulheres e as questões de gênero estão sendo priorizados neste governo do DF? Olha só, previram apenas R\$ 56 mil para a construção de um Centro Especializado de Atendimento à Mulher. Mas adivinha quanto foi gasto de verdade? Nada! Também foram previstos R\$ 20 mil para o desenvolvimento de ações de defesa, garantia e ampliação dos direitos das mulheres, mas ainda não se gastou um centavo com esse programa. Dos R\$ 1.711.928,00 que estavam previstos para o item desenvolvimento de ações relacionadas ao pacto de enfrentamento à violência contra a mulher, gastaram-se apenas R\$ 336.517,00. Triste, né?

**CULTURA**

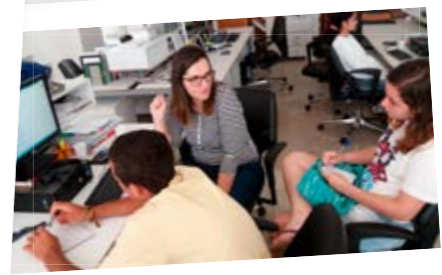
**Você, que é ligad@ à cultura e acha que é uma política tão importante quanto as outras (assim como nós, Descolad@s, pensamos), veja só como ela foi fomentada no DF neste ano... Foram previstos quase R\$ 3 milhões para a construção de espaços culturais em algumas periferias do DF... mas, desse dinheiro, foram utilizados, aproximadamente, R\$ 554 mil. Desse dinheiro, R\$ 164.551,00 foram para a construção da Praça da Juventude na Quadra 203 do Itapoã e R\$ 389.396,00 para o Complexo Cultural na região de Planaltina. E aê, galera do Itapoã e de Planaltina, como está o andamento dessas obras por aí?**

**Tá massa? Houve muita grana gasta com eventos também. Têm acontecido programações legais aí na sua cidade? Vamos ficar de olho, hein?**



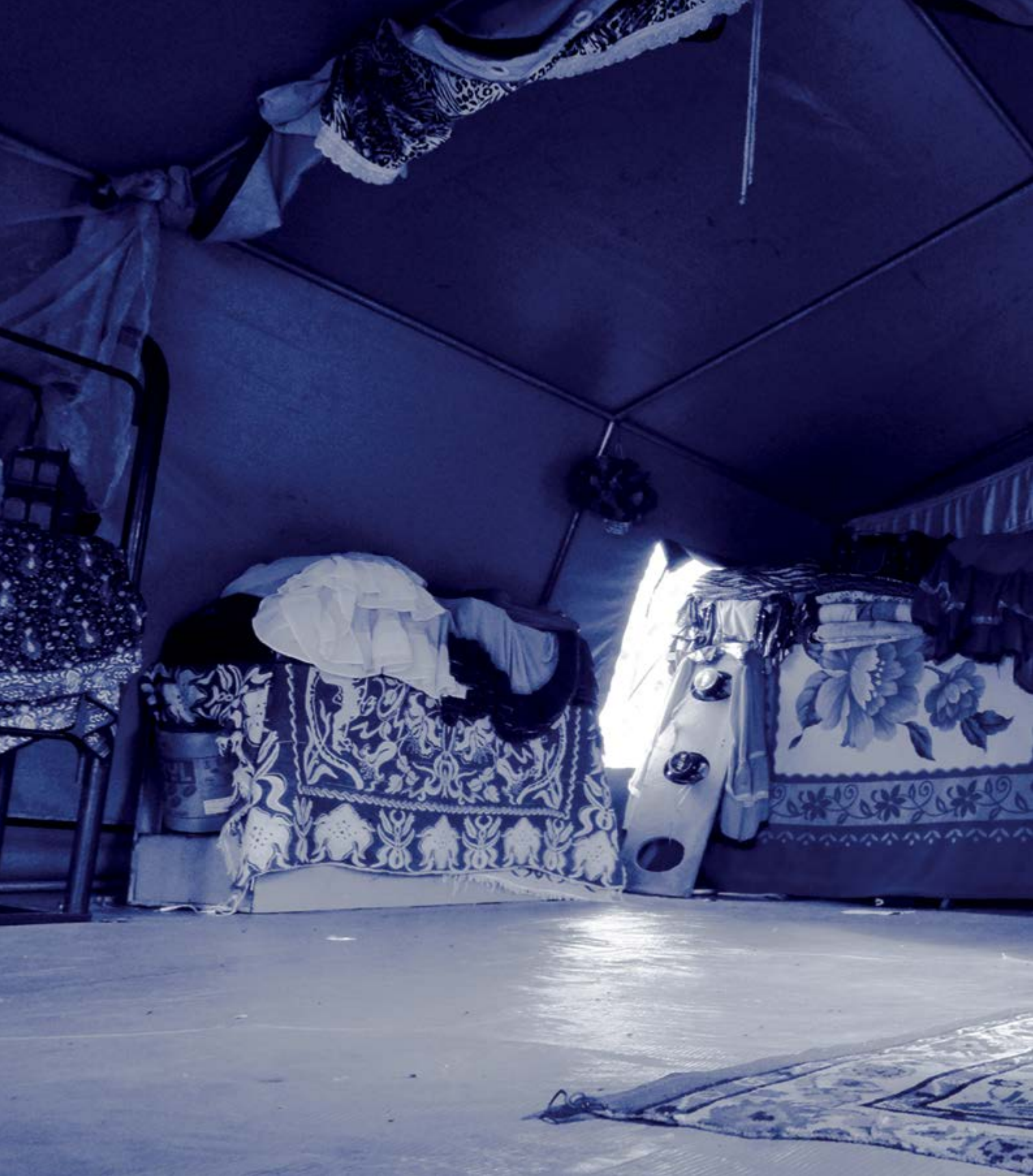
**LAZER**

Agora, se prepare para esta informação: você vai ficar piradinha ou piradinho quando souber quantos milhões de reais foram previstos para a cobertura de quadras de escolas. Imagine só a quadra da sua escola coberta! Massa, né? Foram quase R\$ 17 milhões! Isso mesmo: R\$ 17 milhões para a construção de coberturas. E se você adivinhar quanto foi gasto, você é mesmo muito esperta ou esperto. Foi gasto R\$ 0,00. É, galera, nós vamos continuar jogando futebol e queimada debaixo de sol e chuva, mesmo! Ficamos “felizes” por saber que também houve dinheiro previsto para a construção de quadras esportivas, mas nada foi gasto, também. Então, nem vou te contar qual foi o valor previsto. E, para a construção de praças públicas nas cidades foi previsto um pouco mais de R\$ 4 milhões; e foram gastos só R\$ 157.943,00. Esse valor foi para a Praça da Juventude da Ceilândia – QNN 13, lote B. É, galera, não são notícias muito boas, mas a ideia desta sessão é deixar vocês curios@s pra que também fiquem de olho no orçamento, principalmente no da sua cidade. Vamos te mostrar o caminho de como chegar até lá. Entre no site da Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão (<http://www.seplag.df.gov.br/>). Depois, entre em Planejamento e Orçamento – Orçamento GDF. Clique em Relatórios de Execução Orçamentária. Em seguida, vá para Execução Orçamentária Regionalizada e clique no ano que você quer analisar e, depois, escolha o mês para baixar o quadro de orçamentos.









Realização:



Apoio:



Patrocínio:

